PARTE 1

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

01

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Com base na charge abaixo, responda à questão a seguir.



Adaptado de blogdokayser.blogspot.com.br.

01| Ao formular sua crítica, o personagem demonstra certo distanciamento em relação à arte moderna. Uma marca linguística que expressa esse distanciamento é o uso de:

A terceira pessoa

B frase declarativa

C reticências ao final

D descrição do objeto

02| Na charge, além da crítica à arte moderna presente na fala do personagem, é possível identificar ainda outra crítica. Esta outra crítica está relacionada ao seguinte aspecto:

A moral

B estético

C econômico

D acadêmico

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 7 QUESTÕES:

Ciência e Hollywood

[5]Infelizmente, é verdade: explosões não fazem barulho algum no espaço. Não me lembro de um só filme que tenha retratado isso direito. [6]Pode ser que existam alguns, mas se existirem não fizeram muito sucesso. [10]Sempre vemos explosões gigantescas, estrondos fantásticos. Para existir ruído é necessário um meio material que transporte as perturbações que chamamos de ondas sonoras. Na ausência de atmosfera, ou água, ou outro meio, as perturbações não têm onde se propagar. [7]Para um produtor de cinema, a questão não passa pela ciência. Pelo menos não como prioridade. Seu interesse é tornar o filme emocionante, e explosões têm justamente este papel; roubar o som de uma grande espaçonave explodindo torna a cena bem sem graça.

[11]Recentemente, o debate sobre as liberdades científicas tomadas pelo cinema tem aquecido. O sucesso do filme *O dia depois de amanhã* (*The day after tomorrow*), faturando mais de meio bilhão de dólares, e seu cenário de uma idade do gelo ocorrendo em uma semana, em vez de décadas ou, melhor ainda, centenas de anos, [9]levantaram as sobrancelhas de cientistas mais rígidos que veem as distorções com desdém e esbugalharam os olhos dos espectadores (a maioria) que pouco ligam se a ciência está certa ou errada. Afinal, cinema é diversão.

[15]Até recentemente, defendia a posição mais rígida, que filmes devem tentar ao máximo ser fiéis à ciência que retratam. Claro, isso sempre é bom. Mas não acredito mais que seja absolutamente necessário. [1]Existe uma diferença crucial entre um filme comercial e um documentário científico. [12]Óbvio, [2]documentários devem retratar fielmente a ciência, educando e divertindo a população, mas filmes não têm necessariamente um compromisso pedagógico. [13]As pessoas não vão ao cinema para serem educadas, ao menos como via de regra.



Claro, [3]filmes históricos ou mesmo aqueles fiéis à ciência têm enorme valor cultural. Outros educam as emoções através da ficção. [14]Mas, se existirem exageros, eles não deverão ser criticados como tal. Fantasmas não existem, mas filmes de terror sim. Pode-se argumentar que, no caso de filmes que versam sobre temas científicos, [4]as pessoas vão ao cinema esperando uma ciência crível. Isso pode ser verdade, mas elas não deveriam basear suas conclusões no que diz o filme. No mínimo, o cinema pode servir como mecanismo de alerta para questões científicas importantes: o aquecimento global, a inteligência artificial, a engenharia genética, as guerras nucleares, os riscos espaciais como cometas ou asteroides etc. [8]Mas o conteúdo não deve ser levado ao pé da letra. [16]A arte distorce para persuadir. E o cinema moderno, com efeitos especiais absolutamente espetaculares, distorce com enorme facilidade e poder de persuasão.

O que os cientistas podem fazer, e isso está virando moda nas universidades norte-americanas, é usar filmes nas salas de aula para educar seus alunos sobre o que é cientificamente correto e o que é absurdo. Ou seja, usar o cinema como ferramenta pedagógica. [17]Os alunos certamente prestarão muita atenção, muito mais do que em uma aula convencional. Com isso, será possível educar a população para que, no futuro, um número cada vez maior de pessoas possa discernir o real do imaginário.

MARCELO GLEISER
Adaptado de www1.folha.uol.com.br.

03| *Mas, se existirem exageros, eles não deverão ser criticados como tal.* (ref. 14)

Esta afirmação, embora pareça contraditória, sugere um elemento fundamental para a compreensão do ponto de vista do autor. O fragmento que melhor sintetiza o ponto de vista expresso pela frase citada é:

A Até recentemente, defendia a posição mais rígida, (ref. 15)

B filmes históricos ou mesmo aqueles fiéis à ciência têm enorme valor cultural. (ref. 3)

C A arte distorce para persuadir. (ref. 16)

D Os alunos certamente prestarão muita atenção, (ref. 17)

04| A oposição entre "ciência" e "Hollywood", expressa no título do artigo de Gleiser, corresponde a outra oposição bastante estudada no campo da literatura, que se verifica entre:

A acontecimento e opinião

B historicismo e atualidade

C verdade e verossimilhança

D particularização e universalismo

05| No título do texto, a palavra *Hollywood* é empregada por causa da identificação entre a indústria cinematográfica e uma localidade dos Estados Unidos que concentra empresas do ramo. Esse emprego, portanto, configura uma figura de linguagem conhecida como:

A metáfora

B hipérbole

C metonímia

D eufemismo

06| Ao longo do texto, o autor procura evitar generalizações, admitindo, após algumas conclusões, a possibilidade de exceções. Essa atitude do autor está exemplificada em:

A Sempre vemos explosões gigantescas, estrondos fantásticos. (ref. 10)

B Recentemente, o debate sobre as liberdades científicas tomadas pelo cinema tem aquecido. (ref. 11)

C Óbvio, documentários devem retratar fielmente a ciência, educando e divertindo a população, (ref. 12)

D As pessoas não vão ao cinema para serem educadas, ao menos como via de regra. (ref. 13)

07| Marcelo Gleiser é um cientista que admite mudar de opinião se confrontado com novas evidências ou com novas reflexões.

De acordo com o texto, o autor antes pensava *que filmes devem tentar ao máximo ser fiéis à ciência que retratam*, mas atualmente tem outra opinião.



A opinião que hoje ele defende, acerca desse assunto, baseia-se na seguinte conclusão:

A Existe uma diferença crucial entre um filme comercial e um documentário científico. (ref. 1)

B documentários devem retratar fielmente a ciência, educando e divertindo a população, (ref. 2)

C filmes históricos ou mesmo aqueles fiéis à ciência têm enorme valor cultural. (ref. 3)

D as pessoas vão ao cinema esperando uma ciência crível. (ref. 4)

08| Na construção argumentativa, uma estratégia comum é aquela em que se reconhecem dados ou fatos contrários ao ponto de vista defendido, para, em seguida, negá-los ou reduzir sua importância. O fragmento do texto que exemplifica essa estratégia é:

A Infelizmente, é verdade: explosões não fazem barulho algum no espaço. (ref. 5)

B Pode ser que existam alguns, mas se existirem não fizeram muito sucesso. (ref. 6)

C Para um produtor de cinema, a questão não passa pela ciência. (ref. 7)

D Mas o conteúdo não deve ser levado ao pé da letra. (ref. 8)

09| *levantaram as sobrancelhas de cientistas mais rígidos que veem as distorções com desdém e esbugalharam os olhos dos espectadores (a maioria) que pouco ligam se a ciência está certa ou errada.* (ref. 9)

O autor faz um paralelo entre as sobrancelhas levantadas dos cientistas e os olhos esbugalhados dos espectadores. Assim, os olhos esbugalhados dos espectadores representam o seguinte elemento:

A reflexão

B admiração

C indiferença

D expectativa

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Com base na tira abaixo, responda às questões que se seguem.



VERÍSSIMO, Luís Fernando. *As cobras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

10| No último quadro, a fala da minhoca revela uma reação comum das vítimas de discriminação.

Essa fala deixa subentendida a intenção da personagem de:

A atacar o opressor com alguma iniciativa

B questionar a razão de vários preconceitos

C aceitar sua condição de certa inferioridade

D transferir seu problema para outro grupo

11| No segundo quadro da tira, a minhoca se esconde para não ser notada pelas cobras.

Essa tentativa de desaparecimento da personagem é enfatizada pelo uso do seguinte recurso:

A caráter exclamativo de uma fala

B movimento conjunto das cobras

C ausência da moldura do quadro

D presença de personagens distintos

12| Na tira, as duas cobras estão dialogando entre si, quando a minhoca interfere.

Nessa situação, a repetição e o tom exclamativo da fala da minhoca destacam principalmente a seguinte característica da personagem:

A raiva

B ansiedade

C intolerância

D contrariedade



GABARITO

01| A

O uso da terceira pessoa demonstra um distanciamento crítico do personagem na avaliação que faz sobre a arte moderna. Se usasse a primeira, demonstraria subjetividade e condicionaria o conhecimento dos objetos externos aos seus próprios referenciais.

02| C

Os termos "rombo" e "orçamentária", respectivamente, na fala do personagem e na etiqueta que acompanha a figura do quadro, sugerem uma associação com o alto custo das obras, constituindo assim uma crítica de relação econômica, como se afirma em [C].

03| C

Marcelo Gleiser chega à conclusão de que uma das particularidades da arte é alterar as características estruturais da realidade para transportar as pessoas a um mundo imaginário, onde os exageros podem constituir recurso necessário para ativar a fantasia: "A arte distorce para persuadir".

04| C

Se a ciência fundamenta as suas teses aos resultados obtidos através da experiência e se a indústria cinematográfica tem por fim a criação artística através do uso da fantasia, a arte literária deve atender à verossimilhança, harmonia e coerência entre os atos narrados e os elementos fantasiosos ou imaginários que sejam determinantes no texto.

05| C

Trata-se de metonímia, figura de linguagem baseada na substituição de um nome por outro com que mantém contiguidade, no caso o nome da cidade pela indústria cinematográfica que a tornou famosa.

06| D

A expressão "ao menos como via de regra" (geralmente, habitualmente) admite a possibilidade de exceções ao que foi citado anteriormente.

07| A

Partindo da premissa de que Marcelo Gleiser mudou de opinião relativamente à obrigatoriedade de os filmes serem fiéis à ciência que retratam, a opção [A] é a única em que está patente a sua nova postura, ao admitir que existem diferenças entre um filme comercial e um documentário científico, mudança justificada no período seguinte: "documentários devem retratar fielmente a ciência, educando e divertindo a população, mas filmes não têm necessariamente um compromisso pedagógico".

08| B

Marcelo Gleiser afirma, em primeiro lugar, que não existem filmes que retratem as explosões no espaço de forma verossímil, pois há sempre ruídos a acompanhar os efeitos visuais. Posteriormente, admite que possa ter havido até alguns, justificando que não lhe ficaram na memória por não terem obtido grande sucesso.

09| B

As sobrancelhas levantadas dos cientistas expressam incredulidade perante cenas impossíveis de acontecer no plano científico. Os olhos esbugalhados dos espectadores, pouco interessados nesse tipo de avaliação, revelam admiração pelos efeitos que estimulam a fantasia e produzem fortes sensações, como se transcreve em [B].

10| D

A fala da minhoca revela uma reação comum das vítimas de discriminação que é transferir a sua condição de insignificância a outro ser mais inferior.

11| C

É correta a opção [C], pois, no segundo quadro, a retirada da moldura sugere o desaparecimento da minhoca que se esconde para não ser notada pelas cobras.

12| B

A repetição e o tom exclamativo da fala da minhoca enfatizam a ansiedade do personagem em desvincular-se da condição de inferioridade que lhe está sendo atribuída pelas cobras, como se refere em [B].

PARTE 2

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

02

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 6 QUESTÕES:

O ARRASTÃO

Estarrecedor, nefando, inominável, infame. Gasto logo os adjetivos porque eles fracassam em dizer o sentimento que os fatos impõem. Uma trabalhadora brasileira, descendente de escravos, como tantos, que cuida de quatro filhos e quatro sobrinhos, que parte para o trabalho às quatro e meia das manhãs de todas as semanas, que administra com o marido um ganho de mil e seiscentos reais, que paga pontualmente seus carnês, como milhões de trabalhadores brasileiros, é baleada em circunstâncias não esclarecidas no Morro da Congonha e, levada como carga no porta-malas de um carro policial a pretexto de ser atendida, é arrastada à morte, a céu aberto, pelo asfalto do Rio.

Não vou me deter nas versões apresentadas pelos advogados dos policiais.[1]Todas as vozes terão que ser ouvidas, e com muita atenção à voz daqueles que nunca são ouvidos. Mas, antes das versões, o fato é que esse porta-malas, ao se abrir fora do *script*, escancarou um real que está acostumado a existir na sombra.

O marido de Cláudia Silva Ferreira disse que, se o porta-malas não se abrisse como abriu (por obra do acaso, dos deuses, do diabo), esse seria apenas "mais um caso". [2]Ele está dizendo: seria uma morte anônima, [3]aplainada pela surdez da [4]praxe, pela invisibilidade, uma morte não questionada, como tantas outras.

[5]É uma imagem verdadeiramente surreal, não porque esteja fora da realidade, mas porque destampa, por um "acaso objetivo" (a expressão era usada pelos [6]surrealistas), uma cena [7]recalcada da consciência nacional, com tudo o que tem de violência naturalizada e corriqueira, tratamento degradante dado aos pobres, estupidez elevada ao cúmulo, ignorância bruta transformada em trapalhada [8]transcendental, além de um índice grotesco de métodos de camuflagem e desaparição de pessoas. [9]Pois assim como [10]Amarildo é aquele que desapareceu das vistas, e não faz muito tempo, Cláudia é aquela que subitamente salta à vista, e ambos soam, queira-se ou não, como o verso e o reverso do mesmo.

O acaso da queda de Cláudia dá a ver algo do que não pudemos ver no caso do desaparecimento de Amarildo. A sua passagem meteórica pela tela é um desfile do carnaval de horror que escondemos. [11]Aquele carro é o carro alegórico de um Brasil, de um certo Brasil que temos que lutar para que não se transforme no carro alegórico do Brasil.

José Miguel Wisnik
Adaptado de oglobo.globo.com, 22/03/2014.

[3] aplainada – nivelada

[4] praxe – prática, hábito

[6] surrealistas – participantes de movimento artístico do século 20 que enfatiza o papel do inconsciente

[7] recalcada – fortemente reprimida

[8] transcendental – que supera todos os limites

[10] Amarildo – pedreiro desaparecido na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, em 2013, depois de ser detido por policiais

01| Todas as vozes terão que ser ouvidas, e com muita atenção à voz daqueles que nunca são ouvidos. (ref. 1)

Esta frase contém um ponto de vista que se baseia na pressuposição da existência de:

A testemunhas omissas do caso

B falhas importantes nos processos

C segmentos excluídos da população

D imparcialidades frequentes nos julgamentos



02| **É uma imagem verdadeiramente surreal,** *(*ref. 5)

Na argumentação desenvolvida pelo autor, a imagem do porta-malas do carro da polícia expressa sentidos ambivalentes em relação à violência.

Esses sentidos podem ser definidos como:

A achar – perder

B socorrer – redimir

C esconder – revelar

D orientar – desorientar

03| **Aquele carro é o carro alegórico de um Brasil, de um certo Brasil que temos que lutar para que não se transforme no carro alegórico do Brasil.** (ref. 11)

A sequência do emprego dos artigos em "de um Brasil" e "do Brasil" representa uma relação de sentido entre as duas expressões, intimamente ligada a uma preocupação social por parte do autor do texto.

Essa relação de sentido pode ser definida como:

A ironia

B conclusão

C causalidade

D generalização

04| No início do texto, ao expressar sua indignação em relação ao tema abordado, o autor apresenta uma reflexão sobre o emprego de adjetivos.

Essa reflexão está associada à seguinte ideia:

A o fato exige análise criteriosa

B o contexto constrói ambiguidade

C a linguagem se mostra insuficiente

D a violência pede descrição cuidadosa

05| **Ele está dizendo: seria uma morte anônima, aplainada pela surdez da praxe, pela invisibilidade, uma morte não questionada, como tantas outras.** (ref. 2)

Logo após citar a declaração do marido de Cláudia, o autor a explica.

Em relação a essa declaração, a explicação do autor produz o efeito de:

A enfatizar seu conteúdo

B corrigir sua construção

C enumerar seus detalhes

D contrapor-se a sua simplicidade

06| **Pois assim como Amarildo é aquele que desapareceu das vistas, e não faz muito tempo, Cláudia é aquela que subitamente salta à vista, e ambos soam, queira-se ou não, como o verso e o reverso do mesmo.** (ref. 9)

Neste trecho, para aproximar dois casos recentemente noticiados na imprensa, o autor emprega um recurso de linguagem denominado:

A antítese

B negação

C metonímia

D personificação

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

Medo e vergonha

[3]O medo é um evento poderoso que toma o nosso corpo, nos põe em xeque, paralisa alguns e atiça a criatividade de outros. Uma pessoa em estado de pavor é dona de uma energia extra capaz de feitos incríveis.

Um amigo nosso, quando era adolescente, aproveitou a viagem dos pais da namorada para ficar na casa dela. Os pais voltaram mais cedo e, pego em flagrante, nosso Romeu teve a brilhante ideia de pular, pelado, do segundo andar. Está vivo. Tem hoje essa incrível história pra contar, mas deve se lembrar muito bem da vergonha.

[4]Me lembrei dessa história por conta de outra completamente diferente, mas na qual também vi meu medo me deixar em maus lençóis.

Estava caminhando pelo bairro quando resolvi explorar umas ruas mais desertas. [5]De repente, vejo um menino encostado num muro. Parecia um menino de rua, tinha seus 15, 16 anos e, quando me viu, fixou o olhar e apertou o passo na minha direção. Não pestanejei. Saí correndo. Correndo mesmo, na mais alta *performance* de minhas pernas.

No meio da corrida, comecei a pensar se ele iria mesmo me assaltar. Uma onda de vergonha foi me invadindo. O rapaz estava me vendo correr. E se eu tivesse me enganado? E se ele não fosse fazer nada? Mesmo que fosse. Ter sido flagrada no meu medo e preconceito daquela forma já me deixava numa desvantagem fulminante.

Não sou uma pessoa medrosa por excelência, mas, naquele dia, o olhar, o gesto, alguma coisa no rapaz acionou imediatamente o motor de minhas pernas e, quando me dei conta, já estava em disparada.



Fui chegando ofegante a uma esquina, os motoristas de um ponto de táxi me perguntaram o que tinha acontecido e eu, um tanto constrangida, disse que tinha ficado com medo. Me contaram que ele vivia por ali, tomando conta dos carros. Fervi de vergonha.

O menino passou do outro lado da rua e, percebendo que eu olhava, imitou minha corridinha, fazendo um gesto de desprezo. Tive vontade de sentar na [1]guia e chorar. Ele só tinha me olhado, e o resto tinha sido produto legítimo do meu preconceito.

Fui atrás dele. Não consegui carregar tamanha [2]bigorna pra casa. "Ei!" Ele demorou a virar. Se eu pensava que ele assaltava, [6]ele também não podia imaginar que eu pedisse desculpas. Insisti: "Desculpa!" Ele virou. [7]Seu olhar agora não era mais de ladrão, e sim de professor. Me perdoou com um sinal de positivo ainda cheio de desprezo. Fui pra casa pelada, igual ao Romeu suicida.

Denise Fraga
folha.uol.com.br, 08/01/2013

[1] guia – meio-fio da calçada

[2] bigorna – bloco de ferro para confecção de instrumentos

07| No primeiro parágrafo, apresentam-se algumas características do medo, quase todas positivas, mas se omite uma de suas características negativas, tematizada no decorrer do texto.

Esta característica negativa do medo é a de:

A basear-se em fatos

B ter vergonha do sentimento

C reforçar um constrangimento

D ser motivado por preconceito

08| Seu olhar agora não era mais de ladrão, e sim de professor. (ref. 7)

A frase deixa subentendida a ideia de que o menino foi capaz de ensinar, pelo exemplo, algo à autora.

Esse ensinamento dado pelo menino está ligado à capacidade de:

A perdoar

B desprezar

C desculpar-se

D arrepender-se

09| A crônica é um gênero textual que frequentemente usa uma linguagem mais informal e próxima da oralidade, pouco preocupada com a rigidez da chamada norma culta.

Um exemplo claro dessa linguagem informal, presente no texto, está em:

A O medo é um evento poderoso que toma o nosso corpo, (ref. 3)

B Me lembrei dessa história por conta de outra completamente diferente, (ref. 4)

C De repente, vejo um menino encostado num muro. (ref. 5)

D ele também não podia imaginar que eu pedisse desculpas. (ref. 6)

10| Na última frase da crônica, a autora correlaciona dois episódios. Em ambos, aparece o atributo "pelado(a)". No entanto, esse atributo tem significado diferente em cada um dos episódios.

No texto, o significado de cada termo se caracteriza por ser, respectivamente:

A literal e figurado

B geral e particular

C descritivo e irônico

D ambíguo e polissêmico

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

É MENINA

É menina, que coisa mais fofa, parece com o pai, parece com a mãe, parece um joelho, upa, upa, não chora, isso é choro de fome, isso é choro de sono, isso é choro de chata, choro de menina, igualzinha à mãe, achou, sumiu, achou, não faz pirraça, coitada, tem que deixar chorar, vocês fazem tudo o que ela quer, [2]isso vai crescer mimada, eu queria essa vida pra mim, dormir e mamar, aproveita enquanto ela ainda não engatinha, [3]isso daí quando começa a andar é um inferno, daqui a pouco começa a falar, daí não para mais, ela precisa é de um irmão, foi só falar, olha só quem vai ganhar um irmãozinho, tomara que seja menino pra formar um casal, ela tá até mais quieta depois que ele nasceu, parece que ela cuida dele, esses dois vão ser inseparáveis, ela deve morrer de ciúmes, ele já nasceu falante, menino é outra coisa, desde que ele nasceu parece que ela cresceu, já tá uma menina, quando é que vai



pra creche, ela não larga dessa boneca por nada, já podia ser mãe, já sabe escrever o nomezinho, quantos dedos têm aqui, qual é a sua princesa da Disney preferida, quem você prefere, o papai ou a mamãe, quem é o seu namoradinho, quem é o seu príncipe da Disney preferido, já se maquia nessa idade, é apaixonada pelo pai, cadê o Ken, daqui a pouco vira mocinha, eu te peguei no colo, só falta ficar mais alta que eu, finalmente largou a boneca, já tava na hora, agora deve tá pensando besteira, soube que virou mocinha, ganhou corpo, tenho uma dieta boa pra você, a dieta do ovo, a dieta do tipo sanguíneo, a dieta da água gelada, essa barriga só resolve com cinta, que corpão, essa menina é um perigo, [1]vai ter que voltar antes de meia-noite, o seu irmão é diferente, menino é outra coisa, vai pela sombra, não sorri pro porteiro, não sorri pro pedreiro, quem é esse menino, se o seu pai descobrir, ele te mata, esse menino é filho de quem, cuidado que homem não presta, não pode dar confiança, não vai pra casa dele, homem gosta é de mulher difícil, tem que se dar valor, homem é tudo igual, segura esse homem, não fuxica, não mexe nas coisas dele, tem coisa que é melhor a gente não saber, não pergunta demais que ele te abandona, o que os olhos não veem o coração não sente, quando é que vão casar, ele tá te enrolando, morar junto é casar, quando é que vão ter filho, ele tá te enrolando, barriga pontuda deve ser menina, é menina.

DUVIVIER, Gregorio. *Folha de São Paulo*, 16/09/2013.

11| A crônica de Gregorio Duvivier é construída em um único parágrafo com uma única frase. Essa frase começa e termina pela mesma expressão: ***é menina***.

Em termos denotativos, a menina, referida no final do texto, pode ser compreendida como:

A filha da primeira
B ideal de pureza
C mulher na infância
D sinal de transformação

12| ***vai ter que voltar antes de meia-noite, o seu irmão é diferente, menino é outra coisa,*** (ref. 1)

O fragmento reproduz falas que apontam uma diferença entre meninos e meninas.

Essa diferença se verifica em relação ao seguinte aspecto:

A beleza
B esperteza
C inteligência
D comportamento

13| O uso da expressão *“**é menina**”*, tanto para começar quanto para finalizar o texto, adquire também um valor simbólico, pelo significado que assume no contexto.

No contexto, esse recurso provoca um entendimento de:

A alteração previsível de juízos morais
B reprodução indefinida de preconceitos sociais
C rejeição possível de comportamentos familiares
D esperança vaga de novas atitudes das mulheres

14| ***isso vai crescer mimada,*** (ref. 2)

isso daí quando começa a andar é um inferno, (ref. 3)

Os trechos acima são exemplos de pontos de vista negativos acerca da menina.

Esses pontos de vista são reforçados pelo uso do pronome ***isso***, porque ele associa a criança a uma ideia de:

A negação
B coisificação
C deseducação
D individualização

GABARITO

01| C

O autor reclama da necessidade de se ouvir com muita atenção a “voz daqueles que nunca são ouvidos”, o que sugere que há segmentos excluídos da população cujos direitos nunca são levados em consideração. Assim, é correta a alternativa [C].

02| C

Quando a tampa do porta-malas do carro da polícia se abre, acaba por revelar a violência a que são submetidos determinados setores da população mais carenciada, o que normalmente é escondido do público. Assim, é correta a alternativa [C].

03| D

Através dos artigos “um” e “o”, o autor refere-se a duas formas de analisar o Brasil, no que diz respeito a carências sociais e violência. O primeiro refere-se a uma parte específica do país em que a exclusão social e a violência são explícitas e constantes, e o segundo faz referência a todo o Brasil, que, de forma genérica, é afetado também por esse tipo de violência. Assim, é correta a alternativa [D].



04| C

Os adjetivos “estarrecedor”, “nefando”, “inominável” e “infame” caracterizam o que ocorreu com uma cidadã brasileira, baleada, carregada no porta malas de um carro policial e depois arrastada pelo asfalto do Rio. Logo em seguida, José Miguel Wisnik afirma que esses adjetivos “fracassam em dizer o sentimento que os fatos impõem”, ou seja, a linguagem usada mostra-se insuficiente para descrever o horror que tal acontecimento lhe provocou. Assim, é correta a alternativa [C].

05| A

É correta a alternativa [A], pois a explicação do autor sobre a expressão usada por Amarildo – seria apenas “mais um caso” – enfatiza a ideia de que, caso a tampa do porta malas do carro não se tivesse aberto no meio do percurso, aquele acontecimento seria igual a tantos outros”, como aqueles que não são trazidos a público, nem devidamente investigados.

06| A

As expressões “aquele que desapareceu” e “aquela que subitamente salta à vista”, assim como “verso” e “reverso”, constituem antíteses, figura de linguagem que ocorre quando há uma aproximação de palavras ou expressões de sentidos opostos. Assim, é correta a alternativa [A].

07| D

As características positivas do medo enunciadas no primeiro parágrafo contrastam com o relato da autora sobre o que se passou com ela no momento em que confundiu um adolescente, guardador de carros, com um delinquente que poderia assaltá-la. Ou seja, o fato de ele ser um rapaz humilde que percorria as ruas desertas àquela hora da noite demonstra que o medo foi provocado por preconceito, como se afirma em [D].

08| A

Perante o seu pedido de desculpas e o gesto positivo que o rapaz lhe endereçou, a própria autora sentiu uma lição de vida por ele lhe perdoar aquele ato motivado pelo preconceito. Assim, é correta a alternativa [A].

09| B

A frase transcrita na alternativa [B] é exemplo de linguagem informal, pois, segundo as regras da gramática normativa, não se deve começar uma frase com pronome oblíquo átono. Para adequar-se à norma culta da Língua Portuguesa, deveria ser substituída por “Lembrei-me dessa história...”.

10| A

No primeiro episódio, o termo “pelado” é usado de forma literal, com o significado de *nu*. No segundo, a palavra “pelada” tem sentido metafórico, ou seja, é usada de forma figurada, ao revelar o que tinha escondido dentro de si: o preconceito.

11| A

A palavra “menina”, referida no final do texto, pode ser compreendida como filha da primeira que agora já está mulher, grávida (“barriga pontuda deve ser menina”) e vai dar à luz outra mulher.

12| D

É correta a alternativa [D], pois o fragmento do enunciado sugere as diferenças de comportamento a que meninos e meninas estão sujeitos na visão de uma sociedade preconceituosa, que confere liberdade aos homens e exige controle às mulheres.

13| B

O uso da expressão “é menina”, que inicia e finaliza o texto, adquire valor simbólico, pelo entendimento que a mulher está sujeita aos preconceitos sociais que se repetem de geração em geração. Assim, é correta a alternativa [B].

14| B

O pronome demonstrativo “isso” não está relacionado com o gênero da pessoa a que se refere o que revela reprovação e desprezo por transformar um ser humano em algo semelhante a coisas, reforçando o ponto de vista negativo acerca da menina. Assim, é correta a alternativa [B].

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

03

01| A maioria dos atletas olímpicos é lembrada por suas vitórias, ou seja, por medalhas de ouro. Mas um brasileiro ficará eternizado na história dos Jogos por sua atitude exemplar diante de um fato surpreendente e inusitado na Olimpíada de 2004, em Atenas. O paranaense Vanderlei Cordeiro de Lima tinha 35 anos quando ganhou a Medalha Pierre de Coubertin, um dos prêmios mais nobres concedidos pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) a atletas que valorizam o esporte mais do que a própria vitória.

O brasileiro recebeu a honraria após a sua memorável participação na maratona olímpica, modalidade considerada a mais tradicional e que, por isso, foi destaque no dia do encerramento dos Jogos. Vanderlei liderava a prova até o 36° quilômetro, a 6 do final, quando foi atacado pelo ex-sacerdote Cornelius Horan, que invadira a pista. O golpe do fanático religioso irlandês derrubou o atleta, que teve de ser socorrido por alguns espectadores, numa das cenas mais lamentáveis e, ao mesmo tempo, emocionantes da história das Olimpíadas.

Vanderlei perdeu fôlego, tempo, concentração e duas posições na prova, mas ainda assim conseguiu completar a maratona em terceiro lugar. Ao entrar no estádio Panathinaiko, ele foi aplaudido de pé pelos torcedores, que esperavam por sua chegada, e vibraram mais do que quando o italiano Stefano Baldini terminou o percurso na primeira colocação. Mostrando seu espírito esportivo, Vanderlei percorreu o trecho final da prova imitando um avião e com um sorriso no rosto.

<http://tinyurl.com/pfwel5p> Acesso em: 12.09.2015. Adaptado.

Segundo o texto, é correto afirmar que o atleta Vanderlei Cordeiro

A demonstrou indignação ao sofrer a interferência do ex-sacerdote em 2004.

B foi derrubado por um atleta irlandês durante uma prova olímpica em Atenas.

C recebeu um prêmio por colocar o espírito olímpico acima do desejo da vitória.

D chegou em terceiro lugar na maratona de 2004, demonstrando descontentamento.

E contundiu-se ao ser derrubado pelo atleta italiano na maratona de Atenas em 2004.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Postagem de imagens de cirurgias em redes sociais infringe o Código de Ética

Casos como o dos médicos do Hospital das Forças Armadas (HFA) de Brasília, que reproduziram em suas redes sociais na internet fotos de pacientes anestesiados para eventuais procedimentos cirúrgicos, infringem o capítulo IX do Código de Ética Médica, que trata sobre o Sigilo Profissional. A pena pode ir de uma advertência do Cremesp até a cassação do registro profissional de médico, de acordo com o que for determinado após julgamento.

A prática infringe mais especificamente o art. 75, que proíbe o médico de "fazer referência a casos clínicos identificáveis, exibir pacientes ou seus retratos em anúncios profissionais ou em meios de comunicação em geral, mesmo com a autorização do paciente".

Reinaldo Ayer de Oliveira, conselheiro e coordenador do Centro de Bioética do Cremesp, lembra que a preservação do segredo das informações deve ser mantida por todos os profissionais e instituições. "Além de ser uma obrigação legal contida no Código Penal e na maioria dos Códigos de Ética profissional, é um dever prima facie de todos os profissionais e das instituições".



Exibir cirurgias nas redes sociais é prática antiética

Exceções

Em algumas situações específicas, que envolvam o dever legal do médico, o seu sigilo profissional pode ser quebrado, como determina o art. 73 do Código. Em outras, o sigilo pode ser relativo, como em técnicas de reprodução humana que revelam características dos embriões antes de sua implantação uterina, segredos envolvendo doenças transmissíveis, que são de notificação compulsória obrigatória e revelação de doadores em transplantes. “Nessas situações, ocorre a quebra do segredo em decorrência do possível benefício das partes envolvidas no ambiente da confidencialidade”, diz Ayer.

A divulgação de dados relacionados aos pacientes só é justificada em caso de publicações científicas, mesmo assim a identidade deles deve ser mantida em sigilo.

Jornal do Cremesp. Edição 318 – 09/2014.
Disponível em: http://www.cremesp.org.br/?siteAcao=Jornal&id=1927.
Acesso em: 4 set. 2015. Texto adaptado para fins de exame vestibular.

Código de Ética Médica

Capítulo IX – SIGILO PROFISSIONAL

É vedado ao médico:

Art. 73. Revelar fato de que tenha conhecimento em virtude do exercício de sua profissão, salvo por motivo justo, dever legal ou consentimento, por escrito, do paciente.

Parágrafo único. Permanece essa proibição: a) mesmo que o fato seja de conhecimento público ou o paciente tenha falecido; b) quando de seu depoimento como testemunha. Nessa hipótese, o médico comparecerá perante a autoridade e declarará seu impedimento; c) na investigação de suspeita de crime, o médico estará impedido de revelar segredo que possa expor o paciente a processo penal.

Art. 74. Revelar sigilo profissional relacionado a paciente menor de idade, inclusive a seus pais ou representantes legais, desde que o menor tenha capacidade de discernimento, salvo quando a não revelação possa acarretar dano ao paciente.

Art. 75. Fazer referência a casos clínicos identificáveis, exibir pacientes ou seus retratos em anúncios profissionais ou na divulgação de assuntos médicos, em meios de comunicação em geral, mesmo com autorização do paciente.

Art. 76. Revelar informações confidenciais obtidas quando do exame médico de trabalhadores, inclusive por exigência dos dirigentes de empresas ou de instituições, salvo se o silêncio puser em risco a saúde dos empregados ou da comunidade.

Art. 77. Prestar informações a empresas seguradoras sobre as circunstâncias da morte do paciente sob seus cuidados, além das contidas na declaração de óbito. (nova redação – Resolução CFM nº 1997/2012)

(**Redação anterior:** Prestar informações a empresas seguradoras sobre as circunstâncias da morte do paciente sob seus cuidados, além das contidas na declaração de óbito, salvo por expresso consentimento do seu representante legal.)

Art. 78. Deixar de orientar seus auxiliares e alunos a respeitar o sigilo profissional e zelar para que seja por eles mantido.

Art. 79. Deixar de guardar o sigilo profissional na cobrança de honorários por meio judicial ou extrajudicial.

Código de Ética Médica
Disponível em: http://www.portalmedico.org.br/novocodigo/integra_9.asp.

02| No Código de Ética Médica, em vários artigos, há o emprego do conector “salvo”. Qual a relação de sentido que esse elemento instaura?

A Finalidade.

B Essencialidade.

C Exceção.

D Inclusão.



03| A declaração do conselheiro e coordenador do Centro de Bioética do Cremesp explicita que

A preservar a face de todos os profissionais e das instituições é dever ético de todos os pacientes.

B manter em sigilo informações sobre pacientes é obrigação de todos os profissionais e das instituições.

C salvaguardar as informações de pacientes é um compromisso legal.

D defender a identidade de profissionais é um dever de natureza ética.

04| Considerando a matéria do Jornal do Cremesp e os artigos do Código de Ética Médica, o médico

A que expuser seus pacientes em quaisquer situações sofrerá penalidades por ferir os princípios do Sigilo Profissional.

B pode expor dados de pacientes em publicações de natureza científica, desde que a identidade deles fique preservada.

C tem permissão de divulgar informações à companhia de seguros sobre causas e circunstâncias da morte de seus pacientes, além das que constam na certidão de óbito.

D está autorizado a postar imagens de pacientes em redes sociais, desde que não possam ser identificados.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Médicos expõem pacientes em redes sociais

Giuliana Miranda
De São Paulo — 20/08/2014 01h50

Médicos e outros profissionais da saúde registram cada vez mais suas rotinas nas redes sociais. O problema é que, frequentemente, expõem também os pacientes, algumas vezes em situações constrangedoras.

No aplicativo de paquera Tinder — em que os usuários exibem uma seleção de fotos para atrair a atenção do potencial pretendente —, é possível encontrar imagens de profissionais em centros cirúrgicos, UTIs e outros ambientes hospitalares.

Em busca feita pela reportagem, foram encontradas fotos em que era possível ver o rosto dos pacientes, incluindo de um homem sendo operado e uma criança que fazia tratamento contra um câncer.

"Colocar foto de jaleco e dentro do hospital é 'ímã de mulher' no Tinder", diz um médico de 30 anos da rede pública de São Paulo que costuma usar o aplicativo.

Ele diz que já usou uma foto sua operando, mas agora tem apenas imagens em que não é possível identificar outras pessoas ou a instituição de saúde em que trabalha. "Fiquei com medo de que desse problema", explicou.

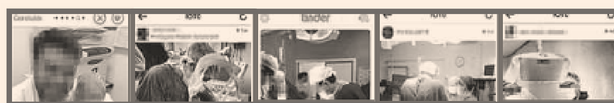
Segundo o CFM (Conselho Federal de Medicina), o registro de pacientes, identificando-os ou não, é irregular.

"É proibido tirar essas fotos. Existe uma resolução bem rígida sobre o assunto", diz Emmanuel Fortes, coordenador do departamento de fiscalização do CFM.

Ele diz que a única situação em que o registro de pacientes é permitido é para fins científicos, como a exibição em congressos médicos.

"Mas tem de haver consentimento do paciente, além da preservação de sua imagem."

Médicos que desrespeitarem a norma estão sujeitos a punição, inclusive com a perda de registro profissional, em casos julgados graves.



Médicos nas redes sociais
Reprodução Tinder

Folha de S.Paulo. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/equilibrio-esaude/2014/08/1503001-medicos-expoem-pacientes-em-redes-sociais.shtml. Acesso em: 5 set. 2015.

05| *"Colocar foto de jaleco e dentro do hospital é 'ímã de mulher' no Tinder", diz um médico de 30 anos da rede pública de São Paulo que costuma usar o aplicativo.*

Nessa declaração, o efeito de sentido decorrente do uso da linguagem figurada revela

A os propósitos do aplicativo.

B a indicação do local de trabalho do jovem médico.

C a intenção do médico.

D a frequência com que o aplicativo é acessado.



06| No segundo parágrafo da matéria da *Folha de S.Paulo*, os travessões são empregados de modo a

A enaltecer o problema da exposição nas redes sociais.

B destacar a ideia que os usuários têm a respeito do aplicativo.

C direcionar a opinião do leitor para as implicações das redes sociais.

D explicitar a finalidade do aplicativo.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Examine este cartum para responder à(s) questão(ões) a seguir.



"As crianças não passam de substitutos patéticos para as pessoas que não podem ter bichos".

Robert Mankoff, New Yorker/Veja.

07| No contexto do cartum, a presença de numerosos animais de estimação permite que o juízo emitido pela personagem seja considerado

A incoerente.

B parcial.

C anacrônico.

D hipotético.

E enigmático.

08| Para obter o efeito de humor presente no cartum, o autor se vale, entre outros, do seguinte recurso:

A utilização paródica de um provérbio de uso corrente.

B emprego de linguagem formal em circunstâncias informais.

C representação inverossímil de um convívio pacífico de cães e gatos.

D uso do grotesco na caracterização de seres humanos e de animais.

E inversão do sentido de um pensamento bastante repetido.

09| Examine a figura.



http://www.quino.com.ar/

Os versos de Carlos Drummond de Andrade que mais adequadamente traduzem a principal mensagem da figura acima são:

A Stop.
A vida parou
ou foi o automóvel?

B *As casas espiam os homens*
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

C *Um silvo breve. Atenção, siga.*
Dois silvos breves: Pare.
Um silvo breve à noite: Acenda a lanterna.
Um silvo longo: Diminua a marcha.
Um silvo longo e breve: Motoristas a postos.
(A este sinal todos os motoristas tomam lugar nos seus veículos para movimentá-los imediatamente.)

D *proibido passear sentimentos*
ternos ou desesperados
nesse museu do pardo indiferente

E *Sim, meu coração é muito pequeno.*
Só agora vejo que nele não cabem os homens.
Os homens estão cá fora, estão na rua.



TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

Para responder à(s) questão(ões) seguinte(s), leia o seguinte texto, em que a autora, colunista de gastronomia, recorda cenas de sua infância:

Uma tia-avó

Fico abismada de ver de quanta coisa não me lembro. Aliás, não me lembro de nada.

Por exemplo, [1]as férias em que eu ia para uma cidade do interior de Minas, acho que nem cidade era, era uma rua, e passava por Belo Horizonte, [2]onde tinha uma tia-avó.

Não poderia repetir o rosto dela, sei que muito magra, vestido até o chão, [3]fantasma em cinzentos, levemente muda, deslizando por [4]corredores de portas muito altas.

O clima da casa era de passado [5]embrulhado em papel de seda amarfanhado, e posto no canto para que não se atrevesse a voltar à tona. Nem um riso, [6]um barulho de copos tinindo. Quem estava ali sabia que quanto menos se mexesse menor o perigo de sofrer. Afinal o mundo era um [7]vale de lágrimas.

[8]A casa dava para a rua, não tinha jardim, a não ser que você se aventurasse a subir uma escada de cimento, lateral, que te levava aos [9]jardins suspensos da Babilônia.

Nem precisava ser sensível para sentir a secura, [10]a geometria esturricada dos canteiros [11]sob o céu de anil de Minas. Nada, nem uma flor, só coisas que espetavam e [12]buxinhos com formatos rígidos e duras palmas e os [13]urubus rodando alto, em cima, esperando... O quê? [14]Segredos enterrados, medo, sentia eu [15]destrambelhando escada abaixo.

[16]Na sala, uma cristaleira antiga com um [17]cacho enorme de uvas enroladas em papel brilhante azul.

Para mim, pareciam [18]uvas de chocolate, recheadas de bebida, mas não tinha coragem de pedir, estavam lá ano após ano, intocadas. A avó, baixinho, permitia, "Quer, pode pegar", com voz neutra, mas eu declinava, [19]doida de desejo.

Das comidas comuns da casa, não me lembro de uma couvinha que fosse, não me lembro de empregadas, cozinheiras, sala de jantar, nada.

Enfim, Belo Horizonte para mim era uma terra triste, de [20]mulheres desesperadas e mudas enterradas no tempo, [21]chocolates sedutores e proibidos. Só valia como passagem para a [22]roça brilhante de sol que me esperava.

Nina Horta, *Folha de S. Paulo*, 17/07/2013. Adaptado.

10| Considerando-se os elementos descritivos presentes no texto, é correto apontar, nele, o emprego de

A estruturas sintáticas que reforçam a objetividade das observações da autora.

B substantivos e adjetivos que expressam afetividade na apresentação do que está sendo descrito.

C neutralidade mais acentuada na caracterização das pessoas do que na das coisas.

D palavras (substantivos, adjetivos e verbos) que destacam traços exteriores das pessoas, em detrimento da análise de sua interioridade.

E referências genéricas aos objetos recordados, o que evita atribuir-lhes particularidades concretas.

11| Tendo em vista o tom de crônica que a colunista imprime a seu artigo, ela se sente livre para utilizar elementos linguísticos que não se enquadram nas normas da língua escrita padrão.

Dos elementos citados abaixo, o único que ***NÃO*** tem essa característica, isto é, o único que preserva a norma-padrão é o emprego

A da preposição "em", no trecho "as férias em que eu ia para uma cidade do interior de Minas" (ref. 1).

B do verbo "tinha" em lugar de "havia", no trecho "onde tinha uma tia-avó" (ref. 2).

C dos pronomes "você e "te" na mesma frase, tal como ocorre no 5º parágrafo (ref. 8).

D da palavra "destrambelhado" (6º parágrafo) (ref. 15).

E de uma frase nominal (sem verbo) para constituir o 7º parágrafo (ref. 16).

12| Dentre as reminiscências da autora, há algumas que têm um caráter negativo ou desagradável, e outras, um caráter positivo ou agradável. Essa oposição distingue o que está descrito nos dois trechos citados em:

A "fantasma em cinzento" (ref. 3); "geometria esturricada" (ref. 10).

B "vale de lágrimas" (ref. 7); "buxinhos com formato rígido e duras palmas" (ref. 12).

C "passado embrulhado em papel de seda amarfanhado" (ref. 5); "uvas de chocolate" (ref. 18).

D "urubus rodando alto" (ref. 13); "segredos enterrados" (ref. 14).

E "jardins suspensos da Babilônia" (ref. 9); "cacho enorme de uvas enroladas em papel brilhante azul" (ref. 17).



13| Embora tenha sido publicado em jornal, o texto contém recursos mais comuns na linguagem literária do que na jornalística. Exemplificam tais recursos a hipérbole e a metáfora, que ocorrem, respectivamente, nos seguintes trechos:

A "corredores de portas muito altas" (ref. 4); "fantasma em cinzentos" (ref. 3).

B "vale de lágrimas" (ref.7); "passado embrulhado em papel de seda" (ref. 5).

C "doida de desejo" (ref. 19); "um barulho de copos tinindo" (ref. 6).

D "mulheres desesperadas" (ref. 20); "sob o céu de anil de Minas" (ref.11).

E "roça brilhante de sol" (ref. 22); "chocolates sedutores e proibidos" (ref. 21).

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Jornais impressos são coisas palpáveis, [1]concretas, estão materializados em papel. No papel está seu suporte físico. Do papel, assim como da tinta, podem-se examinar a idade e a autenticidade. Já em televisão, como em toda forma de mídia eletrônica, é cada vez mais difícil encontrar o suporte físico original da informação. A bem da verdade, na era digital, quando já não se tem mais sequer o negativo de uma fotografia, [2]posto que as fotos passaram a ser produzidas em máquinas digitais, praticamente não há mais o suporte físico primeiro, original, [3]do documento que depois será objeto de pesquisa histórica. São tamanhas as possibilidades de alteração da imagem digital [4]que, anos depois, será difícil precisar se aquela imagem que se tem corresponde exatamente à cena que foi de fato fotografada. E não se terá um negativo original para que seja tirada a [5]prova dos nove.

Eugênio Bucci e Maria R. Kehl, *Videologias: ensaios sobre televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004.

14| Os conectivos sublinhados nos trechos "posto que as fotos passaram a ser produzidas em máquinas digitais" (ref. 2) e "que, anos depois, será difícil precisar" (ref. 4), tendo em vista as relações sintáticosemânticas estabelecidas no texto, introduzem, respectivamente, orações que exprimem ideia de

A concessão e explicação.

B finalidade e conformidade.

C condição e tempo.

D modo e conclusão.

E causa e consequência.

15| Examine os seguintes comentários sobre diferentes elementos linguísticos presentes no texto:

I. Na oração que inicia o texto, a palavra "concretas" (ref. 1) é um adjetivo que amplia o significado de outro adjetivo.

II. No trecho "do documento que depois será objeto de pesquisa histórica" (ref. 3), a palavra "objeto" assume sentido abstrato.

III. A expressão "prova dos nove" (ref. 5) deve ser entendida, no texto, em seu sentido literal.

Está correto o que se afirma em

A I, apenas.

B II, apenas.

C III, apenas.

D I e II, apenas.

E I, II e III.

16|



A graça da tira decorre:

A da existência de "ruído" na comunicação efetuada pela esposa Helga e não entendida pelo amigo Ed Sortudo.

B de uma fala inabitual de Helga que, ao dirigir-se diretamente ao próprio marido, refere-se às qualidades de uma terceira pessoa.

C do não entendimento de um discurso ambíguo bastante comum, no qual se dirige à própria pessoa, questionando-a como se fosse uma outra.

D da diferença do nível de linguagem usado pelo emissor para se dirigir aos interlocutores, fato que fez sugerir a existência de dois maridos.

E da dificuldade de compreensão, por parte do amigo Ed Sortudo, devido aos traços de informalidade no discurso de Helga.



TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Crianças brincando



Uma psicóloga da PM-SP defende que crianças de oito anos podem manusear armas de fogo, "desde que acompanhadas pelos pais". É normal, diz ela, que o filho de um policial tenha curiosidade sobre o instrumento de trabalho de seu pai, "assim como o filho do médico tem sobre o estetoscópio". A recente tragédia em São Paulo, envolvendo o menino Marcelo Pesseghini, 13, suspeito de matar seus pais (ambos, policiais militares), a avó e a tia-avó, e que se matou em seguida, tudo a tiros, não abalou sua convicção.

Vejamos. É normal que o filho de oito anos de um piloto de aviação tenha curiosidade sobre o instrumento de trabalho do pai — o avião. Isso autoriza o piloto a pôr o filho na cadeira do co-piloto e "acompanhá-lo" enquanto ele pousa o aparelho levando 300 passageiros? O filho de um madeireiro, apenas por ser quem é, estará autorizado a brincar com uma motosserra? E o filho de um proctologista estará apto a manipular o instrumento de trabalho de seu pai? (...)

A professora Maria de Lourdes Trassi, da Faculdade de Psicologia da PUC-SP, rebate o argumento da psicóloga da PM, dizendo: "O cirurgião pode até dar o estetoscópio ou a luva [para o filho brincar]. Mas não vai lhe apresentar o bisturi".

Também acho. E há muitas coisas com que o filho de um PM pode brincar — gás de mostarda, bombas de gás lacrimogêneo, balas de borracha —, sem ter de apelar para armas de fogo.

(Ruy Castro, *Folha de S. Paulo*, 19.08.2013)

17| No 2º parágrafo, as perguntas feitas pelor autor são:

A) declarativas, que comparam a periculosidade das mais variadas atividades profissionais.

B) retóricas, que contradizem a declaração da professora da PUC.

C) retóricas, que questionam o posicionamento da psicóloga da PM.

D) ideológicas, que polemizam a postura tanto da psicóloga quanto da professora.

E) exclamativas, que expressam os sentimentos de ironia sobre o tema em questão.

18| Segundo o texto, o autor:

A) aceita o fato de uma criança ter curiosidade sobre o instrumento de trabalho do pai, inclusive se for arma de fogo.

B) sugere que o filho de um PM pode brincar com instrumentos de trabalho perigosos, exceto com armas de fogo.

C) acha normal o filho de um PM ter interesse sobre o instrumento de trabalho do pai, sobretudo quando se trata de arma de fogo.

D) sustenta a ideia de que um menor de idade pode usar armas de fogo, desde que sob a supervisão dos pais.

E) concorda com o fato de uma criança ser atraída pelo instrumento de trabalho do pai, mas pondera sobre os limites que ele, pai, deva estabelecer.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



Tratava-se de uma orientação pedagógica que acreditava no papel da instrução como base prévia das transformações sociais. Ela preconizava uma educação rigorosamente leiga em classes mistas, sem religião, com predomínio da ciência apelando para a iniciativa do aluno e criando para ele condições atraentes de aprendizado, com o fim de formar cidadãos independentes não submetidos aos preconceitos. Ao mesmo tempo, Ferrer pregava a organização sindical dos professores e a sua solidariedade com o movimento operário, como consequência lógica do pressuposto segundo o qual a instrução leiga e científica leva necessariamente a desejar a transformação da sociedade.

(Antonio Candido, Teresina etc...)



19| Depreende-se do texto que:

A a finalidade de qualquer educação é o esclarecimento em assuntos sexuais em classes mistas.

B o alvo de uma pedagogia revolucionária consistiria em transformar todo aluno em operário.

C o objetivo primeiro desse tipo de instrução era formar quadros militantes para o movimento sindical.

D o intuito desse sistema de ensino era buscar conciliar o aprendizado com uma postura favorável à mudança social.

E a preocupação maior dessa atitude educacional voltava-se para uma ética leiga e liberal, mas anticientífica.

GABARITO

01| C

[C] Alternativa correta. O atleta chegou em terceiro lugar, pois foi vítima do ataque de um louco, quando estava muito próximo da vitória. O ataque fez com que perdesse duas posições, ainda assim, não desistiu e terminou a prova em terceiro lugar, ovacionado pelo público.

02| C

O termo "salvo", inserido morfologicamente no grupo das preposições acidentais, estabelece sentido de exceção, podendo ser substituído por *à exceção de, afora* ou *exceto*. Assim, é correta a opção [C].

03| B

É correta a opção [B], pois Reinaldo Ayer de Oliveira, conselheiro e coordenador do Centro de Bioética do Cremesp, esclarece que profissionais e instituições devem manter o sigilo das informações, conforme a legislação contida no Código Penal e na maioria dos Códigos de Ética profissional.

04| B

Nos dois últimos parágrafos do texto que reproduz o artigo publicado no *Jornal do Cremesp,* assim como no segmento "Exceções", são citados determinados casos em que informações sobre pacientes podem ser reveladas em publicações de natureza científica, desde que a identidade deles fique preservada: "A divulgação de dados relacionados aos pacientes só é justificada em caso de publicações científicas, mesmo assim a identidade deles deve ser mantida em sigilo". Assim, é correta a opção [B].

05| C

O termo "ímã" é usado de forma conotativa, sugerindo que se trata de elemento que possui capacidade de atrair mulheres. Assim, é correta a opção [C], pois o termo é revelador da intenção do médico.

06| D

O travessão é um sinal de pontuação utilizado para indicar início de sentenças ou interlocuções explicativas, como acontece no segundo parágrafo da matéria da *Folha de S. Paulo*, em que a frase intercalada apresenta a principal função do aplicativo Tinder: "os usuários exibem uma seleção de fotos para atrair a atenção do potencial pretendente". Assim, é correta a opção [D].

07| B

A presença de numerosos animais de estimação no ambiente permite que a opinião da personagem seja considerada parcial, pois corresponde ao modelo que adotou para a sua forma de viver. Assim, é correta a opção [B].

08| E

A frase que acompanha a imagem contraria o modo de ver da sociedade que, comumente, associa a adoção de animais domésticos a uma reação natural de casais que não podem ter filhos, ou seja, o humor é instaurado porque o cartum inverte o sentido de um pensamento bastante repetido, como se afirma em [E].

09| D

Ao analisar a figura, percebem-se a proibição de sentimentos, na placa de sinalização de trânsito, e a apatia dos homens, retratados de forma idêntica pelas ruas. Por esses motivos, o trecho constante na alternativa [D] são os que traduzem mais adequadamente a mensagem da figura.

10| B

Fantasma em cinzento, levemente muda, portas muito altas. Estas expressões, compostas por adjetivos e substantivos, são as que abrem para a casa da tia. Dessa forma, fazem parte da introdução do leitor à casa da tia-avó, que de tão velhinha e silenciosa, acabou passando para a sobrinha uma eterna impressão de morte e de saudade que ainda a assustava.



11| A

[A] **Alternativa correta.** Em geral, a preposição *em* é utilizada para indicar lugar. Se o trecho destacado fosse escrito de maneira mais coloquial, a oração ficaria: *as férias que eu ia para uma cidade do interior* (...) em vez de *as férias* ***em*** *que eu ia para uma cidade do interior* (...) O uso da preposição *em* para a indicação de tempo e espaço faz-se necessário na oração por ser o indicado pela modalidade mais formal da língua.

[B] O uso do verbo *ter* no lugar do verbo *haver* é característico da linguagem informal, mais coloquial.

[C] *A casa dava para a rua, não tinha jardim, a não ser que você se aventurasse a subir uma escada de cimento, lateral, que te levava aos jardins suspensos da Babilônia.* O uso do *você* é típico do discurso oral e informal, o mesmo pode-se dizer do uso do pronome *te* antes do verbo, trata-se de uma característica do discurso oral e informal.

[D] A palavra *destrambelhado* é mais usada no discurso informal por tratar-se de uma expressão mais popular.

[E] *Na sala, uma cristaleira antiga* (...). A elipse do verbo *haver*, neste caso, desviou das regras da norma culta da língua.

12| C

Em *o passado embrulhado em papel de seda amarfanhado,* encontramos uma oração com sentido conotativo, ou seja, através da linguagem figurada, expressa-se sentimentos mais profundos. Neste caso, com a necessária associação entre a imagem do papel amarfanhado que *embrulhava*, pois representava um passado enrugado, envelhecido, mas conservado de alguma maneira por aquelas mulheres idosas e solitárias. Em contrapartida, as uvas de chocolate, doces e apetitosas traziam para a autora uma sensação de doçura que tanto faltava naquela casa que cheirava apenas memória.

13| B

Vale de lágrimas é uma frase feita, colocada de forma jocosa através de uma hipérbole, para expressar a memória mais distante que trazia a autora daquela casa de gente muito velha e calada. Há hipérbole no exagero do depósito das lágrimas: um *vale*, porém, expressa o tamanho das dores que faziam fundo àquele cenário da casa da tia.

14| E

A locução conjuntiva adverbial *posto que* é indicadora de ***causa***, neste contexto, temos no trecho: *já não se tem mais sequer os negativos das fotos* ***posto que*** *(por causa que) as fotos passaram a ser produzidas por máquinas digitais.*

A partícula *que*, neste caso, exprime ***consequência***: *são tamanhas as possibilidades de alteração da imagem digital* ***que****, anos depois, será difícil precisar se aquela imagem que se tem corresponde exatamente à cena que foi de fato fotografada.* Pode-se perceber que a partícula ***que*** vai unir a ideia das inúmeras possibilidades de alteração da imagem com a ideia de se poder avaliar no futuro se a imagem é real ou não, expressando sentido de ***consequência***.

15| D

[I] Correta. A palavra *concreta* cumpre a função de um adjetivo, ampliando o sentido de outro adjetivo: *palpáveis*.

[II] Correta. Em *objeto de pesquisa histórica* a palavra *objeto* adquire sentido de substantivo abstrato.

[III] Em *prova dos nove* a expressão indica conferência, um tira-teima perante um original necessário para conferir veracidade à imagem. Não pode ser literal porque a expressão faz um empréstimo da matemática.

16| C

Ed Sortudo não compreende que Helga se dirige ao marido em 3ª pessoa, mesmo estando presente na cena, o que é confirmado pelo olhar que Hagar lança ao amigo.

17| C

Perguntas retóricas é um efeito empregado pelo autor com o objetivo não de questionar o leitor, pois ambos, no contexto, conhecem a resposta; seu intuito é buscar concordância do leitor. No caso deste texto, o autor questiona as declarações da psicóloga da PM, buscando a concordância do leitor. Vale relembrar que frases declarativas afirmam ou negam algo e as perguntas desta espécie acrescentam a entonação da interrogação; exclamativas expõem emoção e as ideológicas trazem em si uma tendência.

18| E

O último parágrafo do texto versa sobre os limites que devem ser impostos pelo pai, apesar da curiosidade da criança a respeito dos instrumentos de trabalho usados por ele.

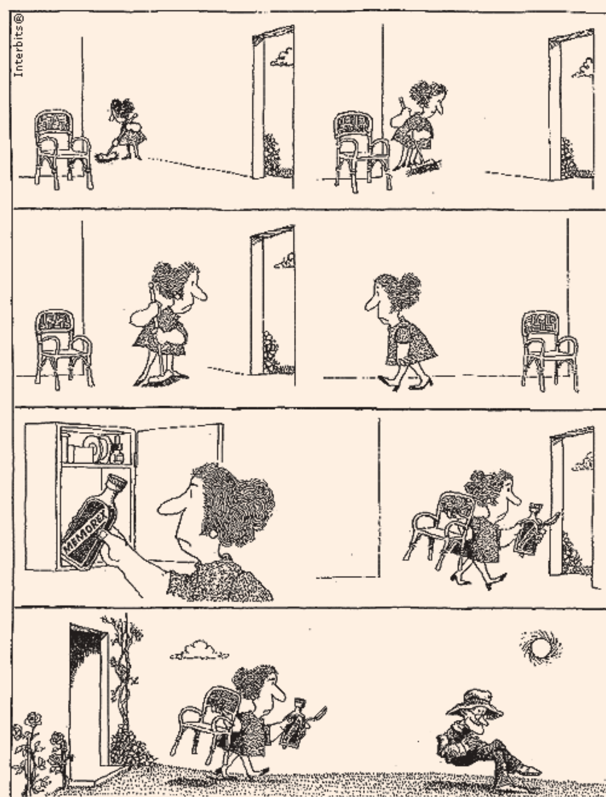
19| D

A alternativa [D] é uma paráfrase da 1ª oração do texto, indicando que o papel do ensino era necessário para a ocorrência de mudanças sociais.

PARTE 4

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

04



QUINO
Déjenme inventar. Buenos Aires: Ediciones de La Flor, 2003.

01| A tira traz um efeito de surpresa ao final, produzido pela cena inusitada de uma pessoa sentada no ar, como se isso fosse possível. Esse efeito de surpresa se intensifica pelo fato de o último quadrinho contrastar com o seguinte aspecto da própria tira:

A exposição parcial do cotidiano familiar

B sugestão gradual de atitudes imprevisíveis

C apresentação sequencial de ações rotineiras

D referência indireta à solidão dos personagens

02| Na tira do cartunista argentino Quino, utilizam-se recursos gráficos que lembram o cinema.

A associação com a linguagem artística do cinema, que lida com o movimento e com o instrumento da câmera, é garantida pelo procedimento do cartunista demonstrado a seguir:

A ressaltar o trabalho com a vassoura para sugerir ação

B ampliar a imagem da mulher para indicar aproximação

C destacar a figura da cadeira para indiciar sua importância

D apresentar a sombra dos personagens para sugerir veracidade

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 5 QUESTÕES:

O chá, os fantasmas, os ventos encanados...

Nasci no tempo dos ventos encanados, quando, para evitar compromissos, a “gente bem” dizia estar com enxaqueca, palavra horrível mas desculpa distinta. [6]Ter enxaqueca não era para todos, mas só para essas senhoras que tomavam chá com o dedo mindinho espichado. Quando eu via aquilo, ficava a pensar sozinho comigo [1](menino, naqueles tempos, não dava opinião) por que é que elas não usavam, para cúmulo da elegância, um laçarote azul no dedo...

[2]Também se falava misteriosamente em “moléstias de senhoras” nos anúncios farmacêuticos que eu lia. Era decerto uma coisa privativa das senhoras, como as enxaquecas, pois as criadas, essas, não tinham tempo para isso. Mas, em compensação, me assustavam deliciosamente com histórias de assombrações. [3]Nunca me apareceu nenhuma.

Pelo visto, era isso: nunca consegui comunicar-me com este nem com o outro mundo. [4]A não ser através d’ O tico-tico e da poesia de Camões, do qual [5]até hoje me assombra este verso único: “Que o menor mal de tudo seja a morte!” Pois a verdadeira poesia sempre foi um meio de comunicação com este e com o outro mundo.

MÁRIO QUINTANA
Mario Quintana: poesia completa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.



03| Além da comparação entre papéis sociais, há no texto outra comparação, implícita, que indica uma compreensão do narrador acerca de comportamentos na sociedade.

Essa comparação implícita está em:

A menino, naqueles tempos, não dava opinião (ref.1)

B Também se falava misteriosamente em "moléstias de senhoras" (ref.2)

C Nunca me apareceu nenhuma. (ref.3)

D até hoje me assombra este verso único: (ref.4)

04| O segundo parágrafo do texto revela mais claramente a compreensão do menino acerca daquela sociedade de papéis bem definidos, a partir da situação econômica de cada um.

O par de vocábulos, presentes no texto, que remete à divisão entre grupos sociais, tal como caracterizada pelo narrador, é:

A chá – fantasmas

B elegância – laçarote

C privativa – verdadeira

D encanados – espichado

05| O texto de Mário Quintana se baseia em duas oposições: "gente bem" versus "criadas" e "este mundo" versus "o outro mundo". "O outro mundo" é representado, no texto, por alguns elementos evocados pelo narrador. A expressão que melhor identifica tais elementos é:

A ventos encanados

B moléstias de senhoras

C anúncios farmacêuticos

D histórias de assombrações

06| *A não ser através d'* O tico-tico *e da poesia de Camões,* (ref.4)

A expressão em destaque torna a frase que ela introduz uma ressalva em relação ao que está enunciado anteriormente. Essa ressalva evidencia que as leituras do poeta lhe davam a seguinte possibilidade:

A rever suas crenças arraigadas

B interagir com universos diferentes

C superar uma alienação do presente

D compreender a idealização da morte

07| *Ter enxaqueca não era para todos,* (ref.6)

Considerando que a afirmação acima não pode ser verdadeira, conclui-se que ela é feita para expressar outro sentido, menos literal.

O sentido expresso pela afirmação, no texto, pode ser definido como:

A metonímico

B hiperbólico

C metafórico

D irônico

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:



A perspicácia, de RENÉ MAGRITTE (1936).
http://rene-magritte-paintings.blogspot.com

08| O quadro produz um estranhamento em relação ao que se poderia esperar de um pintor que observa um modelo para sua obra. Esse estranhamento contribui para a reflexão principalmente sobre o seguinte aspecto da criação artística:

A perfeição da obra

B precisão da forma

C representação do real

D importância da técnica

09| Pode-se definir "metalinguagem" como a linguagem que comenta a própria linguagem, fenômeno presente na literatura e nas artes em geral.

O quadro *A perspicácia*, do belga René Magritte, é um exemplo de metalinguagem porque:

A destaca a qualidade do traço artístico

B mostra o pintor no momento da criação

C implica a valorização da arte tradicional

D indica a necessidade de inspiração concreta



TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Sobre a origem da poesia

A origem da poesia se confunde com a origem da própria linguagem.

Talvez fizesse mais sentido perguntar quando a linguagem verbal deixou de ser poesia. Ou: qual a origem do discurso não poético, já que, restituindo laços mais íntimos entre os signos e as coisas por eles designadas, [1]a poesia aponta para um uso muito primário da linguagem, que parece anterior ao perfil de sua ocorrência nas conversas, nos jornais, nas aulas, conferências, discussões, discursos, ensaios ou telefonemas.

[4]Como se ela restituísse, através de um uso específico da língua, a integridade entre nome e coisa – que o tempo e as culturas do homem civilizado trataram de separar no decorrer da história.

A manifestação do que chamamos de poesia hoje nos sugere mínimos *flashbacks* de uma possível infância da linguagem, antes que a representação rompesse seu cordão umbilical, gerando essas duas metades – significante e significado.

Houve esse tempo? Quando não havia poesia porque a poesia estava em tudo o que se dizia? Quando o nome da coisa era algo que fazia parte dela, assim como sua cor, seu tamanho, seu peso? Quando os laços entre os sentidos ainda não se haviam desfeito, então música, poesia, pensamento, dança, imagem, cheiro, sabor, consistência se conjugavam em experiências integrais, associadas a utilidades práticas, mágicas, curativas, religiosas, sexuais, guerreiras?

[2]Pode ser que essas suposições tenham algo de utópico, projetado sobre um passado pré-babélico, tribal, primitivo. Ao mesmo tempo, cada novo poema do futuro que o presente alcança cria, com sua ocorrência, um pouco desse passado.

Lembro-me de ter lido, certa vez, um comentário de Décio Pignatari, em que ele chamava a atenção para o fato de, tanto em chinês como em tupi, não existir o verbo ser, enquanto verbo de ligação. Assim, o ser das coisas ditas se manifestaria nelas próprias (substantivos), [5]não numa partícula verbal externa a elas, o que faria delas línguas poéticas por natureza, mais propensas à composição analógica.

[3]Mais perto do senso comum, podemos atentar para como colocam os índios americanos falando, na maioria dos filmes de *cowboy* – eles dizem "maçã vermelha", "água boa", "cavalo veloz"; em vez de "a maçã é vermelha", "essa água é boa", "aquele cavalo é veloz". Essa forma mais sintética, telegráfica, aproxima os nomes da própria existência – como se a fala não estivesse se referindo àquelas coisas, e sim apresentando-as (ao mesmo tempo em que se apresenta).

[6]No seu estado de língua, no dicionário, as palavras intermedeiam nossa relação com as coisas, impedindo nosso contato direto com elas. [7]A linguagem poética inverte essa relação, pois, vindo a se tornar, ela em si, coisa, oferece uma via de acesso sensível mais direto entre nós e o mundo.

(...)

Já perdemos a inocência de uma linguagem plena assim. As palavras se desapegaram das coisas, assim como os olhos se desapegaram dos ouvidos, ou como a criação se desapegou da vida. [8]Mas temos esses pequenos oásis – os poemas – contaminando o deserto da referencialidade.

ARNALDO ANTUNES
www.arnaldoantunes.com.br

10| *Pode ser que essas suposições tenham algo de utópico*, (ref.2)

Neste fragmento, a expressão em destaque é empregada para formar um conhecido recurso da argumentação. Esse recurso pode ser definido como:

A admitir uma hipótese para depois discuti-la

B retomar uma informação para depois criticá-la

C relativizar um conceito para depois descrevê-lo

D apresentar uma opinião para depois sustentá-la

11| Na coesão textual, ocorre o que se chama catáfora quando um termo se refere a algo que ainda vai ser enunciado na frase. Um exemplo em que o termo destacado constrói uma catáfora é:

A Como se ela restituísse, (ref.4)

B Pode ser que essas suposições tenham algo de utópico, (ref.2)

C não numa partícula verbal externa a elas, (ref.5)

D No seu estado de língua, no dicionário, as palavras intermedeiam (ref.6)



12| *Mas temos esses pequenos oásis – os poemas – contaminando o deserto da referencialidade.* (ref.8)

Na frase acima, o emprego das palavras "oásis" e "deserto" configura uma superposição de

figuras de linguagem, recurso frequente em textos artísticos. As figuras de linguagem superpostas na frase são:

A metáfora e antítese
B ironia e metonímia
C elipse e comparação
D personificação e hipérbole

GABARITO

01| C

A imagem de uma pessoa sentada no ar contrasta com a apresentação sequencial de ações rotineiras, produzindo surpresa e estranhamento no leitor, como se afirma em [C].

02| B

Ao ampliar a imagem da mulher até o 4º quadro para depois a diminuir até o último, o cartunista Quino imita o procedimento de uma câmera de filmar que capta o movimento da mulher nas suas tarefas domésticas antes de perceber algo estranho lá fora, o que justifica os movimentos posteriores até o espaço externo da casa.

03| A

O narrador, ao evocar o tempo do passado, constata que, contrariamente ao que era comum no momento da enunciação, os adultos não permitiam que as crianças expressassem livremente as suas opiniões ("menino, naqueles tempos, não dava opinião"), por isso limitava-se a fazer conjeturas em silêncio ("ficava a pensar sozinho comigo").

04| A

Através da memória, o narrador descreve a sociedade da época em que os comportamentos das pessoas diferiam segundo a sua condição de classe. A elegância das senhoras da burguesia ("essas senhoras que tomavam chá com o dedo mindinho espichado") contrastava com a rudeza das serviçais que lhe contavam histórias de assombrações que, embora o assustassem, também o atraíam e fascinavam ("as criadas, essas .... me assustavam deliciosamente com histórias de assombrações").

05| D

A referência a "histórias de assombrações" contadas pelas criadas faz alusão a "outros mundos", vivências do imaginário infantil evocado pelo narrador, que contrastavam com elementos do mundo real.

06| B

A expressão "A não ser" está relacionada com o período anterior ("Pelo visto, era isso: nunca consegui comunicar-me com este nem com o outro mundo"), introduzindo uma ressalva que evidencia a ligação do narrador com universos fantásticos ("outros mundos"), através da leitura da poesia de Camões e da literatura infantil publicada na revista "O Tico Tico", primeira a publicar histórias em quadrinhos no Brasil.

07| D

Trata-se de ironia, recurso de retórica que consiste em dizer o contrário daquilo que se pensa, deixando entender uma distância intencional entre aquilo que se diz e aquilo que realmente se pensa.

08| C

À primeira vista o observador parte do princípio que o pintor representará na tela o objeto que observa a seu lado e que lhe serviria de modelo, o que na verdade não acontece. René Magritte provoca estranhamento ao representar uma ave, numa espécie de convite à reflexão por parte de todos aqueles que veem na criação artística uma simples representação do real.

09| B

Metalinguagem é a propriedade que tem as diversas linguagens de se debruçarem sobre si mesmas. Ao representar o pintor pintando-se a si próprio, o quadro "A perspicácia", de René Magritte, é exemplo de discurso metalinguístico.

10| A

A expressão "pode ser que" expressa uma hipótese sobre a qual o autor discorrerá para fundamentar a sua tese. Arnaldo Antunes admite que as suposições anteriores possam ser fantasiosas e, em seguida, passa a discorrer sobre a possibilidade de serem ou não verdadeiras, como se afirma em [A].

11| D

Se a catáfora ocorre quando um termo se refere a algo que ainda será enunciado na frase,o mesmo acontece com o pronome possessivo "seu" no trecho *No seu estado de língua, no dicionário, as palavras intermedeiam*, ao referir-se ao substantivo "palavras", como se afirma em [D].

12| A

Existe metáfora na comparação implícita (sem uso de conectivo) entre "poemas" e "oásis", assim como entre "deserto" e "referencialidade", que adquire, no contexto, o significado de realidade. Ao opor os dois conjuntos, espaços aprazíveis *versus* espaços áridos, estabelece-se uma antítese.

PARTE 5

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

05

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Eram tempos menos duros aqueles vividos na casa de Tia Vicentina, em Madureira, subúrbio do Rio, onde Paulinho da Viola podia traçar, sem cerimônia, um prato de feijoada – comilança que deu até samba, "No Pagode do Vavá". Mas como não é dado a saudades (lembre-se: é o passado que vive nele, não o contrário), Paulinho aceitou de bom grado a sugestão para que o jantar ocorresse em um dos mais requintados italianos do Rio. A escolha pela alta gastronomia tem seu preço. Assim que o sambista chega à mesa redonda ao lado da porta da cozinha, forma-se um círculo de garçons, com o maître à frente. [...]

Paulinho conta que cresceu comendo o trivial. Seu pai viveu 88 anos à base de arroz, feijão, bife e batata frita. De vez em quando, feijoada. Massa, também. "Mas nada muito sofisticado."

Com exceção de algumas dores de coluna, aos 70 anos, goza de plena saúde. O músico credita sua boa forma ao estilo de vida, como se sabe, não dado a exageros e grandes ansiedades.

T. Cardoso, *Valor*, 28/06/2013. Adaptado.

01| Tendo em vista o contexto, pode ser lida em duplo sentido a palavra sublinhada na seguinte frase do texto:

A "Mas como não é dado a saudades".

B "Paulinho aceitou de bom grado a sugestão".

C "A escolha pela alta gastronomia tem seu preço".

D "forma-se um círculo de garçons, com o *maître* à frente".

E "O músico credita sua boa forma ao estilo de vida".

02| Segundo o texto, Paulinho da Viola

A prefere não se lembrar de sua origem suburbana.

B comporta-se de modo a evitar o estresse.

C aprecia frequentar restaurantes sofisticados.

D procura não ser influenciado pelo pai, quanto a hábitos alimentares.

E valoriza mais o passado do que o presente.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Argumento (Paulinho da Viola)

Tá legal
Eu aceito o argumento
Mas não me altere o samba tanto assim
Olha que a rapaziada está sentindo a falta
De um cavaco, de um pandeiro
Ou de um tamborim.
Sem preconceito
Ou mania de passado
Sem querer ficar do lado
De quem não quer navegar
Faça como um velho marinheiro
Que durante o nevoeiro
Leva o barco devagar.Argu

03| Se a expressão "mania de passado", usada na letra da canção, for comparada à frase do primeiro texto "é o passado que vive nele, não o contrário", quanto ao sentido que assumem no contexto, é correto afirmar que a referida expressão

A é uma crítica a um comportamento, o qual está sugerido no trecho "não o contrário".

B contradiz o que a frase pretende transmitir a respeito do modo de pensar do compositor.

C deve ser entendida de forma positiva assim como o trecho "é o passado que vive nele".



D refere-se a maneiras de pensar coletivas, ao contrário da frase, que considera apenas o aspecto individual.

E atribui à palavra “passado” um sentido diverso do que esse termo assume na frase citada.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

BOCAGE NO FUTEBOL

Quando eu tinha [3]meus cinco, meus seis anos, morava, ao lado de minha casa, um garoto que era [2]tido e havido como o anticristo da rua. Sua idade regulava com a minha. E [6]justiça se lhe faça: — não havia palavrão que ele não praticasse. Eu, na minha candura pânica, vivia cercado de conselhos, por todos os lados: — “Não brinca com Fulano, que ele diz nome feio!”. E o Fulano assumia, aos meus olhos, as proporções feéricas de um Drácula, de um [1]Nero de fita de cinema.

Mas o tempo passou. E acabei descobrindo que, afinal de contas, o anjo de boca suja estava com a razão. Sim, amigos: — cada nome feio que a vida extrai de nós é um estímulo vital irresistível. Por exemplo: — os nautas camonianos. Sem uma sólida, potente e jucunda pornografia, um Vasco da Gama, um Colombo, um Pedro Álvares Cabral não teriam sido almirantes nem de barca da Cantareira. O que os virilizava era o bom, o cálido, o inefável palavrão.

Mas, se nas relações humanas em geral, o nome feio produz esse impacto criador e libertário, que dizer do futebol? Eis a verdade: — retire-se a pornografia do futebol e nenhum jogo será possível. Como jogar ou como torcer se não podemos xingar ninguém? O craque ou o torcedor é um Bocage. Não o [4]Bocage fidedigno, que nunca existiu. Para mim, o [5]verdadeiro Bocage é o falso, isto é, o Bocage de anedota. Pois bem: — está para nascer um jogador ou um torcedor que não seja bocagiano. O craque brasileiro não sabe ganhar partidas sem o incentivo constante dos rijos e imortais palavrões da língua. Nós, de longe, vemos os 22 homens [7]correndo em campo, matando-se, agonizando, rilhando os dentes. Parecem dopados e realmente o estão: — o chamado nome feio é o seu excitante eficaz, o seu afrodisíaco insuperável.

Nélson Rodrigues, *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

04| Considere os seguintes elementos de composição textual:

I. interação com o leitor;

II. incorporação de uma fala em discurso indireto;

III. procedimento intertextual;

IV. mistura de gêneros discursivos.

É correto afirmar que, no texto, ocorre apenas o que foi indicado em

A I e IV.

B II e IV.

C I, III e IV.

D II e III.

E I, II, e III.

05| A expressão “Nero de fita de cinema” (ref. 1) tem a finalidade de, principalmente,

A expressar um paradoxo, semelhante ao da expressão “anjo de boca suja”.

B opor-se, quanto ao sentido, a “proporções feéricas de um Drácula”.

C mostrar a popularidade do menino que falava palavrões.

D traduzir a admiração que o autor nutria pelo seu vizinho.

E reforçar a ideia contida em “anticristo da rua”.

06| Tendo em vista o contexto, sobre os seguintes trechos, só **NÃO** é correto afirmar:

A “era tido e havido” (ref. 2): trata-se de uma repetição com valor enfático.

B “meus cinco, meus seis anos” (ref. 3): expressa ideia de aproximação.

C “Bocage fidedigno” / “verdadeiro Bocage” (ref. 4 e 5): embora sinônimos, os adjetivos foram usados com sentidos diferentes.

D “justiça se lhe faça” (ref. 6): pode ser considerada uma construção na voz passiva sintética.

E “correndo (...), matando-se, agonizando, rilhando” (ref. 7): apenas o primeiro gerúndio dá ideia de continuidade.



07| Considerando as qualificações ambivalentes que o texto lhe atribui, pode-se corretamente concluir que, para o autor, o palavrão, em dadas situações, assume caráter propriamente

A escatológico, na medida em que esse termo tanto pode se referir ao que é mais sujo, como remeter à esfera do sagrado.

B pornográfico, uma vez que nele se conjugam as esferas da ignorância (ou da incultura) e da arte de escrever (ou literatura).

C dialético, na proporção em que constitui a síntese da contradição entre a urbanidade (tese) e a grosseria (antítese).

D compensatório, na medida em que serve para o populacho assumir sua condição subalterna e, ao mesmo tempo, agredir as elites sociais.

E sublimatório, tendo em vista que traduz para uma esfera elevada e verbal os impulsos sexuais desviantes, reprimidos pela moral e pela religião.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

BOCAGE NO FUTEBOL

Quando eu tinha meus cinco, meus seis anos, morava, ao lado de minha casa, um garoto que era tido e havido como o anticristo da rua. Sua idade regulava com a minha. E justiça se lhe faça: — não havia palavrão que ele não praticasse. Eu, na minha candura pânica, vivia cercado de conselhos, por todos os lados: — “Não brinca com Fulano, que ele diz nome feio!”. E o Fulano assumia, aos meus olhos, as proporções feéricas de um Drácula, de um Nero de fita de cinema.

Mas o tempo passou. E acabei descobrindo que, afinal de contas, o anjo de boca suja estava com a razão. Sim, amigos: — cada nome feio que a vida extrai de nós é um estímulo vital irresistível. Por exemplo: — os nautas camonianos. Sem uma sólida, potente e jucunda pornografia, um Vasco da Gama, um Colombo, um Pedro Álvares Cabral não teriam sido almirantes nem de barca da Cantareira. O que os virilizava era o bom, o cálido, o inefável palavrão.

Mas, se nas relações humanas em geral, o nome feio produz esse impacto criador e libertário, que dizer do futebol? Eis a verdade: — retire-se a pornografia do futebol e nenhum jogo será possível. Como jogar ou como torcer se não podemos xingar ninguém? O craque ou o torcedor é um Bocage. Não o Bocage fidedigno, que nunca existiu. Para mim, o verdadeiro Bocage é o falso, isto é, o Bocage de anedota. Pois bem: — está para nascer um jogador ou um torcedor que não seja bocagiano. O craque brasileiro não sabe ganhar partidas sem o incentivo constante dos rijos e imortais palavrões da língua. Nós, de longe, vemos os 22 homens correndo em campo, matando-se, agonizando, rilhando os dentes. Parecem dopados e realmente o estão: — o chamado nome feio é o seu excitante eficaz, o seu afrodisíaco insuperável.

Nélson Rodrigues, *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

Quando Bauer, o de pés ligeiros, se apoderou da cobiçada esfera, logo o suspeitoso Naranjo lhe partiu ao encalço, mas já Brandãozinho, semelhante à chama, lhe cortou a avançada. A tarde de olhos radiosos se fez mais clara para contemplar aquele combate, enquanto os agudos gritos e imprecações em redor animavam os contendores. A uma investida de Cárdenas, o de fera catadura, o couro inquieto quase se foi depositar no arco de Castilho, que com torva face o repeliu. Eis que Djalma, de aladas plantas, rompe entre os adversários atônitos, e conduz sua presa até o solerte Julinho, que a transfere ao valoroso Didi, e este por sua vez a comunica ao belicoso Pinga. (...)

Assim gostaria eu de ouvir a descrição do jogo entre brasileiros e mexicanos, e a de todos os jogos: à maneira de Homero. Mas o estilo atual é outro, e o sentimento dramático se orna de termos técnicos.

Carlos Drummond de Andrade, *Quando é dia de futebol.* Rio: Record, 2002.

08| Ambos os textos – o de Nélson Rodrigues e o de Drummond – pertencem à modalidade textual conhecida como

A colunismo social – variedade jornalística de crítica de costumes, que proliferou na imprensa de todo o Brasil, a partir dos anos de 1950.

B poema em prosa – tipo de texto em que a prosa narrativa, sem apresentar os aspectos formais exteriores do poema (rimas, métrica etc.), submete-se, no entanto, ao rigor construtivo próprio da poesia.

C paródia – uma variedade textual construída com base no paralelismo com outro texto, geralmente com intenção crítica ou jocosa.



D editorial – que consiste, modernamente, nos textos que, ocupando as primeiras páginas dos grandes jornais, são assinados pelos seus mais renomados colunistas.

E crônica – variedade ou gênero textual bastante livre, ocorrente no Brasil desde o século XIX, cuja proximidade com o cotidiano não impedia de, conforme o caso, explorar outras dimensões de sentido.

09| O gênero literário que Drummond tomou como base para a composição de seu texto revela, no escritor mineiro, uma determinada visão do futebol que também reponta no seguinte trecho do texto de Nélson Rodrigues:

A “candura pânica”.

B “um Drácula”.

C “os nautas camonianos”.

D “jucunda pornografia”.

E “o Bocage fidedigno”.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Quando Bauer, o de pés ligeiros, se apoderou da cobiçada esfera, logo o suspeitoso Naranjo lhe partiu ao encalço, mas já Brandãozinho, semelhante à chama, lhe cortou a avançada. A tarde de olhos radiosos se fez mais clara para contemplar aquele combate, enquanto os agudos gritos e imprecações em redor animavam os contendores. A uma investida de Cárdenas, o de fera catadura, o couro inquieto quase se foi depositar no arco de Castilho, que com torva face o repeliu. Eis que Djalma, de aladas plantas, rompe entre os adversários atônitos, e conduz sua presa até o solerte Julinho, que a transfere ao valoroso Didi, e este por sua vez a comunica ao belicoso Pinga. (...)

Assim gostaria eu de ouvir a descrição do jogo entre brasileiros e mexicanos, e a de todos os jogos: à maneira de Homero. Mas o estilo atual é outro, e o sentimento dramático se orna de termos técnicos.

Carlos Drummond de Andrade, *Quando é dia de futebol.* Rio: Record, 2002.

10| Ao narrar o jogo entre brasileiros e mexicanos “à maneira de Homero”, o autor adota o estilo

A épico.

B lírico.

C satírico.

D técnico.

E teatral.

11| Referem-se apenas aos inimigos, e não aos heróis, as seguintes caracterizações presentes no texto:

A “de fera catadura” e “solerte”.

B “belicoso” e “suspeitoso”.

C “solerte” e “com torva face”.

D “suspeitoso” e “de fera catadura”.

E “com torva face” e “belicoso”.

12| O fragmento em que a convergência estilística predominante é a que se estabelece entre metonímia e personificação encontram-se em

A “da cobiçada esfera”.

B “semelhante à chama”.

C “o couro inquieto”.

D “de fera catadura”.

E “de aladas plantas”.

GABARITO

01| C

A palavra “preço” pode ser interpretada, no contexto, como “valor em dinheiro a ser pago por uma mercadoria ou serviço”. Paga-se caro pela alta gastronomia, já que se trata de uma alimentação mais sofisticada. Também pode ser interpretada como consequência – a punição ou a recompensa por algo. No caso, a consequência é Paulinho da Viola ver-se cercado pelos garçons e o *maître*: “Assim que o sambista chega à mesa redonda ao lado da porta da cozinha, forma-se um círculo de garçons, com o *maître* à frente”.

02| B

De acordo com o texto, Paulinho da Viola justifica sua saúde e bem-estar pelo modo como vive: “não dado a exageros e grandes ansiedades”.



03| A

A afirmação é de que é o passado que vive em Paulinho da Viola, e não Paulinho da Viola que vive no passado. “Viver no passado” indicaria aprisionamento, confinamento, limitação, daí a crítica a esse comportamento. Apesar disso, todos possuem um passado, o passado “vive” nas pessoas, mesmo que se não esteja limitado a ele – por isso não há contradição.

04| C

A proposição II é incorreta, pois na crônica “Bocage no futebol” não há inclusão de fala em discurso indireto, procedimento em que o narrador utiliza suas próprias palavras para reproduzir a fala de um personagem, com verbo de elocução seguido de oração subordinada. Assim, apenas as proposições I, III e IV são corretas, como se transcreve em [C].

05| E

No contexto, a expressão “Nero de fita de cinema” reforça a ideia contida em “anticristo da rua”, pois a figura do imperador Nero é associada habitualmente a tirania e violência, e o garoto, vizinho do autor, também se comportava de forma agressiva a ponto de os adultos o considerarem má companhia para qualquer criança.

06| E

É incorreta a afirmação em [E], pois, no contexto, os verbos “correndo (...), matando-se, agonizando, rilhando” exprimem todos eles continuidade de ação. Todas as demais são corretas.

07| A

Para o autor, o palavrão assume, em dadas situações, caráter “escatológico”, pois a escatologia tanto pode referir-se ao estudo dos excrementos, como à doutrina teológica sobre o destino último dos homens e da Terra, ou seja, referir-se ao que é mais sujo ou remeter ao âmbito do sagrado, como se afirma em [A].

08| E

Ambos os textos pertencem à modalidade textual conhecida como crônica, gênero narrativo que tem por base fatos que acontecem no cotidiano, privilegia a linguagem simples e o coloquialismo na fala das personagens.

09| C

Drummond usa linguagem erudita e sintaxe elaborada para descrever os lances futebolísticos de importantes jogadores a ponto de transformá-los em episódios espetaculares resultantes de ação de heróis com poderes sobre-humanos, como ele próprio refere: “à maneira de Homero”. O mesmo acontece na epopeia “Os Lusíadas” de Luís de Camões, sugerida no texto de Nélson Rodrigues através da expressão “os nautas camonianos”.

10| A

Carlos Drummond de Andrade adota características da epopeia, gênero narrativo originalmente em verso, com estilo elevado e linguagem hiperbólica, que visa à celebração de feitos grandiosos por heróis fora do comum, reais ou lendários.

11| D

As caracterizações “solerte”, “belicoso”, “com torva face” e “belicoso” referem-se aos jogadores brasileiros Julinho, Pinga, Castilho e Pinga, respectivamente. Os demais, aos mexicanos Cárdenas (“de fera catadura”) e Naranjo (“suspeitoso”). Assim, apenas a opção [D] transcreve termos que caracterizam os “inimigos”.

12| C

A metonímia consiste no emprego de um termo por outro, dada a relação de semelhança ou a possibilidade de associação entre eles, e personificação atribui sentimentos ou ações próprias dos seres humanos a objetos inanimados ou seres irracionais. Assim, é correta a opção [C], pois a expressão “couro inquieto”, que se refere à bola em movimento, concentra essas duas figuras de linguagem.

PARTE 6

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

06

01| Antigamente as moças chamavam-se “mademoiselles” e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhe pé de alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. (...)

Os mais idosos, depois da janta, faziam o quilo, saindo para tomar a fresca; e também tomavam cautela de não apanhar o sereno. Os mais jovens, esses iam ao animatógrafo, chupando balas de alteia. Ou sonhavam em andar de aeroplano. Estes, de pouco siso, se metiam em camisa de onze varas e até em calças pardas; não admira que dessem com os burros n’água.

Carlos Drummond de Andrade

Sobre o excerto acima, retirado da crônica “Antigamente”, assinale a alternativa correta.

A A linguagem culta formal é opção feita pelo autor, mas acaba sendo prejudicada pelos arcaísmos, que tornam o texto obsoleto.

B A linguagem do texto apoia-se em uma variante linguística que demonstra o movimento de mudanças constantes que as línguas sofrem, através do tempo.

C Por empregar expressões em desuso, existentes apenas nos dicionários, o texto desperta interesse apenas dos mais idosos.

D Contém erros grosseiros, como o uso de palavra estrangeira, expressões incompreensíveis como “pé de alferes”, “faziam o quilo”, “de pouco siso” etc.

E O saudosismo do autor confere ao texto um tom muito triste, nostálgico.

02| O efeito de humor da tirinha abaixo se deve



Quino

A à postura desobediente de Mafalda diante da mãe.

B à resposta autoritária da mãe de Mafalda à pergunta da filha.

C ao uso de palavras em negrito e cada vez maior do 2º ao 4º quadrinho.

D ao fato de aparecer apenas a fala da mãe de Mafalda e não sua imagem.

E aos sentidos atribuídos por Mafalda para as palavras “títulos” e “diplomamos”.

03|



QUINO. *Mafalda*. Disponível em: <http://www.cultzone.com.br/cultzone_exibe.php?id=1797>. Acesso em: 23 set. 2015.



Na tirinha de Quino, a personagem Mafalda afirma, no último quadrinho, ter sido persuadida por Susanita (sua interlocutora), esta teria sido, inclusive, a razão para Mafalda apelar para a violência. A propósito, qual foi a estratégia argumentativa de que se valeu a personagem Susanita para convencer Mafalda?

A Exemplificação, pois Susanita cita um fato ocorrido com Mafalda que materializa a tese que defende.

B Utilização de dados concretos, visto que a personagem faz uso de elementos como: estatísticas, valores financeiros e pesquisas de opinião.

C Argumentação por causa-consequência, pois estabelece uma relação entre a sua tese e as consequências que uma opção diferente poderia gerar.

D Argumentação por testemunho de autoridade, uma vez que Susanita é uma pessoa reconhecida como profunda conhecedora do assunto debatido.

E Indução, pois Susanita elabora sua estratégia argumentativa de acordo com os anseios que a personagem Mafalda possui.

04|



(TIRAS ARMANDINHO. 7 de agosto de 2015. Disponível em: https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos_stream/)

A tira é um gênero que apresenta linguagem verbal e não verbal e, geralmente, propõe uma reflexão por meio do humor. No plano verbal, o humor da tira:

A tem como foco principal a imagem do carro para ilustrar a situação econômica do pai do personagem.

B baseia-se na polissemia do termo “crise”, ora relacionado à situação econômica, ora a uma fase da vida.

C baseia-se na linguagem não verbal, que apresenta dois amigos assustados com o tamanho do carro.

D está centrado na hipérbole, observada na fala do personagem Armandinho, quando usa a palavra “gigante”.

05| Leia os textos para responder à questão.

Texto I

Humor não é *bullying*

Natalia Klein

[1]Não existe nada mais fácil do que sacanear quem já é frequentemente sacaneado. É tiro certo, todos vão achar graça. [2]Mas aí não estamos falando de humor. O nome disso é *bullying*.

[...] [3]Recentemente, dei uma entrevista em que me perguntaram sobre os limites do humor. Por uma infelicidade, publicaram apenas um trecho da minha resposta, em que eu digo que “não posso mais fazer piadas com anão, negros, homossexuais”.

[4]É importante deixar claro que eu disse sim essa frase pavorosa. Mas em um contexto muito mais amplo. O que eu expliquei – ou, pelo menos, tentei explicar – é que não se pode fazer piadas envolvendo assuntos polêmicos sem correr o risco de ser tachado de preconceituoso. [5]Mas fingir que o preconceito não existe é infinitamente pior.

[6]Não sou a favor de fazer graça de quem já tem que lidar diariamente com a intolerância. [7]Sou a favor de se fazer piada da intolerância em si. Em colocar na mesa os nossos podres para que a gente lembre que eles existem.

(Fonte: http: //www.adoravelpsicose.com.br/2011/10/humor-nao-e--bullying.html Acessado em: 27/08/2015)

Texto II



Fonte: https: //www.facebook.com/tirasarmandinho/?fref=ts. Acessado em 13/10/2015

Assinale a alternativa que contém a frase do texto de Natalia Klein que diz de outro modo a mesma mensagem do terceiro quadrinho da tirinha.

A “Recentemente, dei uma entrevista em que me perguntaram sobre os limites do humor.” (ref. 3)

B “Mas aí não estamos falando de humor. O nome disso é *bullying*.” (ref. 2)

C “É importante deixar claro que eu disse sim essa frase pavorosa.” (ref. 4)

D “Sou a favor de se fazer piada da intolerância em si.” (ref. 7)



06| Analise atentamente a charge e as assertivas sobre ela.



(Adaptação de http://www.humorcombobagem.com)

I. Inversamente ao texto verbal da charge, que registra o desejo feminino, a imagem mostra o desejo do homem: "eliminar" mulheres com pensamentos como os expostos no primeiro quadrinho.

II. A imagem é apenas decorativa, pois o verdadeiro significado está na parte verbal do texto.

III. Trata-se de um texto que extrapola a linguagem verbal, combinando-a com imagens que dão sustentação ao texto.

IV. A charge acima discute a questão de gênero, tão presente em nossa sociedade na atualidade.

V. Há um tom machista na charge, uma vez que evidencia que os desejos estabelecidos pela mulher são prerrogativas masculinas.

Está(ão) correta(s) apenas:

A III, IV e V.

B I e II.

C I, III e V.

D III e IV.

E III.

07| Com base na tirinha abaixo e de acordo com a norma padrão da Língua Portuguesa, marque V para verdadeiro ou F para falso e, em seguida, assinale a alternativa que apresenta a sequência correta.



( ) A frase: "Onde está o Dinho?", do primeiro quadrinho, não pode ser reescrita da seguinte maneira, pois haveria erro gramatical ou prejuízo semântico: "Aonde está o Dinho?".

( ) No segundo quadrinho, pode-se depreender que o pai pediu para o filho ir pensar um pouco devido ao fato de a criança ter sido insipiente.

( ) No terceiro quadrinho, pode-se depreender que o filho compreendeu a ordem do pai, executando o que foi solicitado pelo seu progenitor.

A F/ V/ F

B F/ V/ V

C V/ F/ F

D V/ F/ V

E F/ F/ V

08|



Fonte: VOTRE, S. J.; PEREIRA, V. C. *Redação de Textos Acadêmicos*. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2011. p. 22.

Na charge, o humor se deve ao termo torpedo ter sido tomado pelo personagem em seu sentido

A denotativo.

B conotativo.

C irônico.

D ambíguo.

09| Leia a tirinha para responder à questão.



Fonte:http://tirasbeck.blogspot.com.br/ Acessado em 8/10/2015.



No último quadrinho da tirinha, observando a quantidade de personagens e a expressão facial deles, é possível afirmar que

A os amigos gostaram do que a menina disse.

B a menina estava discordando de seus amigos.

C ninguém deu importância ao que a menina disse.

D a menina pensa o contrário do que disse aos amigos.

10| Assinale a frase ambígua.

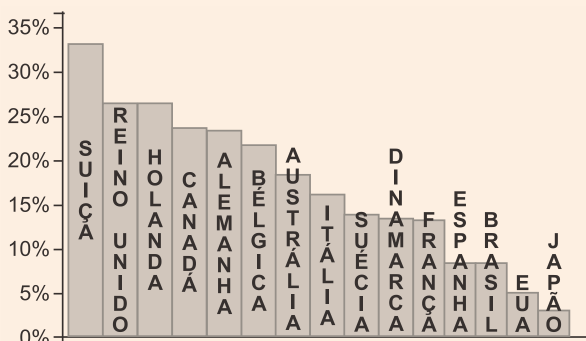
A Depois de um ano de pesquisa e falando com outras mulheres sobre seus hábitos de cuidados com a pele, Gizelle descobriu que o produto estava produzindo resultados reais.

B Para participar das eleições municipais no dia 2 de outubro, os eleitores têm até hoje (4) para tirar o primeiro título de eleitor, solicitar transferência de domicílio eleitoral e, no caso de mudança de residência dentro do mesmo município, pedir a alteração de endereço no título.

C Depois de dois anos de estudo, a York Planet decidiu abrir a terceira filial situada na rua Areia Fina, em Porto Alegre.

D As saias com pontas e as jaquetas esportivas, chamadas *bombers*, retornaram à moda há algumas temporadas e, pelo jeito, vão permanecer por mais tempo.

11| Analise o gráfico com dados referentes aos países com mais cientistas no exterior.



Adaptado de: *Histórias de cientistas brasileiros ajudam a explicar o fenômeno da exportação de cérebros.* Zero Hora, Planeta Ciência. 24/7/2015.

A partir da análise do gráfico, pode-se concluir que

A Suíça, Reino Unido e Holanda são os países com mais cientistas estrangeiros.

B Espanha e Brasil estão à frente dos Estados Unidos na importação de cientistas estrangeiros.

C quanto menor o percentual de cientistas no exterior, maior é o avanço tecnológico do país.

D enquanto o Japão desponta como o país com menor percentual de cientistas no exterior, a Suíça destaca-se como o maior exportador de cérebros.

E a proximidade, no gráfico, do Brasil com os Estados Unidos sinaliza o fato de que o nosso desenvolvimento tecnológico não está tão atrasado.

12| Observe as imagens e relacione-as aos romances de José de Alencar, conforme os temas sugeridos pelos elementos verbais e visuais.


Imagem 1


Imagem 2


Imagem 3


Imagem 4



Imagem 5

Analise as afirmativas a seguir e coloque V nas Verdadeiras e F nas Falsas.

(   ) As cinco imagens se relacionam, na sequência, com os seguintes temas desenvolvidos por José de Alencar em seus romances: indianista, histórico, urbano, sertanista e de perfil feminino.

(   ) As imagens 4 e 5 apresentam a mesma temática dos romances *Senhora* e *As Minas de Prata*, ao passo que a imagem 1 retrata os primitivos habitantes do Brasil, o que a aproxima dos romances *O Guarani, Iracema e Ubirajara.*

(   ) Os temas das imagens 2 e 3 relacionam-se às histórias contidas nos romances urbano e sertanista ou ruralista do escritor cearense, enquanto a imagem 4 não se associa a qualquer um dos romances de José de Alencar.

(   ) Os romances *Lucíola, Senhora e Diva* são denominados romances urbanos de perfis femininos. Pode-se afirmar, então, que se relacionam às imagens 2 e 4.



(   ) *Cinco Minutos, A Viuvinha e A Pata da Gazela* são textos em que Alencar, no seu projeto de desenvolver temas que cobrissem toda realidade cultural nacional, traz à tona aspectos urbanos que se fazem presentes nas imagens 1, 2 e 3.

Assinale a alternativa que contém a sequência **CORRETA**.

A V – V – V – F – F

B V – F – F – V – F

C F – V – F – V – F

D V – V – F – F – V

E V – V – V – F – V

GABARITO

01| B

O autor fala de antigamente em contraste com o presente, revelando as mudanças que a sua língua sofreu. Para tanto, ele usa uma variante que revele esse movimento que se dá com o tempo. Um trecho que exemplifica isso bem é "Não faziam anos: completavam primaveras", no qual o autor afirma que antes usavam a expressão "completar primaveras", ao invés de "fazer anos", mostrando as mudanças na linguagem ao longo do tempo. Além desse trecho, o autor faz uso de diversas expressões comuns à língua de antigamente, tais como "dar com os burros n'água" e "fazer o quilo".

02| E

A alternativa correta é a [E]. O efeito de humor é provocado pela comparação feita por Mafalda entre hierarquia familiar e títulos acadêmicos. Aproveitando a imposição de autoridade com base na afirmação "eu sou sua mãe", a personagem questiona essa superioridade apresentando o seu próprio título, "filha". Como mãe e filha foram "diplomadas" no mesmo momento, não haveria razão para uma relação hierárquica entre ambas.

03| C

A argumentação de Susanita é construída a partir de duas relações de causa e consequência:

Causa 1: Sair na rua sem cultura.

Consequência 1: não há consequências no sentido de prisão.

Causa 2: Sair na rua sem vestido.

Consequência 2: ser preso pela polícia.

A partir dessas duas relações, Susanita consegue provar que sua tese é a correta, uma vez que coloca que apenas quando não se usa vestidos na rua é que se sofre uma consequência. Tem-se, portanto, uma argumentação por causa-consequência.

04| B

O humor da tira está relacionado aos significados da palavra crise: relacionada à situação econômica, seria um desvario comprar um carro "gigante", nas palavras de Armandinho; considerando, porém, a "crise de meia-idade", a compra do carro seria uma maneira de o pai de seu colega lidar melhor com a própria autoestima.

05| B

A personagem que fala na tirinha está argumentando que, muitas vezes, aquilo que aparenta ser uma piada está, na verdade, sendo utilizado de disfarce para encobertar o preconceito ou o ódio. Assim, quando sob essas circunstâncias, o menino considera que não pode ser considerada "apenas uma piada". Essa ideia também aparece no texto de Natalia Klein, quando ela diz que "não estamos falando de humor. O nome disso é *bullying*", pois ela separa justamente a piada daquilo que é preconceituoso.

06| A

No primeiro quadrinho da charge, vê-se uma mulher fazendo pedidos para um poço de desejos. Ela enumera uma série de tarefas que, dentro do contexto de uma sociedade machista, costumam ser atribuídas à mulher ("cozinhar, limpar, passar") e pede que não tenha mais que fazer isso. Também pede para que trabalhe menos e ganhe mais. A partir disso, no segundo quadrinho ela se transforma em um homem, como forma de realização dos seus desejos. Assim, a charge traz um tom machista, confirmando que as tarefas de cozinhar, limpar e passar não são feitas por homens, e que os homens trabalham menos e ganham mais. Isso faz parte de uma discussão de gênero. Tem-se, portanto, uma relação fundamental entre o texto escrito e as imagens da charge, constituindo assim o sentido completo.

Dessa forma, [I] e [II] estão incorretas ao passo que [III], [IV] e [V] estão corretas.

07| C

1ª afirmação: Verdadeira. Só se pode colocar “a” antes de “onde” quando o verbo indicar movimento. No caso, o verbo “estar” indica apenas localização e, sendo assim, devemos utilizar “onde”.

2ª afirmação: Falsa. no segundo quadrinho, não se pode depreender que o pai pediu para o filho ir pensar um pouco devido ao fato de a criança ter sido insipiente, pois não há nenhum elemento que indique isso. A única indicação relativa à atitude da criança é a fala do pai que diz que ela foi “manhosa”.

3ª afirmação: Falsa. no terceiro quadrinho, vemos o menino refletindo sobre um assunto completamente descolado daquilo que seu pai pediu. Se a crítica do pai era baseada no fato de ele estar manhoso, o menino devia refletir a respeito disso. No entanto, vemos o garoto dizendo que conseguiu descobrir como fazer para passar de uma fase de um jogo.

08| A

Torpedo, no seu sentido literal, isto é, denotativo, tem como significado um objeto explosivo, como o que o menino carrega na charge. Assim, pode-se dizer que o humor se deu ao termo torpedo ter sido tomado pelo personagem em seu sentido denotativo.

09| A

No último quadrinho, vemos quatro crianças sorrindo. Assim, conclui-se que elas estão aprovando aquilo que a menina disse.

10| ANULADA

Questão anulada no gabarito oficial.

A alternativa que poderia apresentar ambiguidade é a [C]. A interpretação que se pode fazer é de que a York Planet decidiu abrir uma terceira filial na mesma rua, a Areia Fina, em Porto Alegre. No entanto, o que parece ter sido a intenção foi dizer que a terceira filial, entre todas as filiais da York Planet, seria aberta na rua Areia Fina. A questão pode ter sido anulada porque não se trata, de fato, de uma ambiguidade, mas de um erro de pontuação que muda o significado da frase.

11| D

[A] Incorreto. Tais países são os que mais “exportam” cientistas.

[B] Incorreto. Espanha e Brasil estão à frente dos Estados Unidos porque exportam cientistas.

[C] Incorreto. O gráfico não faz referência a esse assunto.

[D] Correto. O Japão ocupa, no gráfico, a última posição como nação exportadora de cientistas, exatamente o contrário da Suíça.

[E] Incorreto. O gráfico indica porcentagens diferentes de exportação de cientistas, porém o Brasil apresenta praticamente o dobro de tal índice.

12| C

I. Falsa. As imagens fazem menção a romances, respectivamente: 1 indianista; 2 urbano; 3 regionalista; 4 perfil feminino e urbano; 5 histórico.

II. Verdadeira. A imagem 1 faz referência aos romances indianistas de José de Alencar*: O Guarani, Iracema* e *Ubirajara*; a imagem 4 está relacionada ao romance *Senhora*, no qual Aurélia tem sua história apresentada; finalmente, a imagem 5 pode fazer referência a *As Minas de Prata*, romance histórico cuja ação se passa no Brasil Colônia.

III. Falsa. A imagem 4 faz nítida referência a obras voltadas ao perfil feminino, uma das temáticas que mais sucesso alcançou entre os leitores de José de Alencar; merecem destaque *Senhora, Lucíola, Diva*.

IV. Verdadeira. Os três romances citados voltam-se a protagonistas mulheres cujas ações se desenvolvem no meio urbano.

V. Falsa. As obras citadas realmente são consideradas romances urbanos, portanto as imagens 1 e 3 não estão relacionadas a elas.

PARTE 7

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

07

01|

Rua da Liberdade – São Paulo-SP - 1937



(Disponível em http://www.ims.com.br/ims/artista/colecao/claude-levi-strauss/obra/1995.)

Pobre alimária

O cavalo e a carroça
Estavam atravancados no trilho
E como o motorneiro se impacientasse
Porque levava os advogados para os escritórios
Desatravancaram o veículo
E o animal disparou
Mas o lesto carroceiro
Trepou na boleia
E castigou o fugitivo atrelado
Com um grandioso chicote

(Oswald de Andrade, *Pau Brasil*. São Paulo: Globo, 2003, p.159.)

A imagem e o poema revelam a dinâmica do espaço na cidade de São Paulo na primeira metade do século XX.

Qual alternativa abaixo formula corretamente essa dinâmica?

A Trata-se da ascensão de um moderno mundo urbano, onde coexistiam harmonicamente diferentes temporalidades, funções urbanas, sistemas técnicos e formas de trabalho, viabilizando-se, desse modo, a coesão entre o espaço da cidade e o tecido social.

B Trata-se de um espaço agrário e acomodado, num período em que a urbanização não tinha se estabelecido, mas que abrigava em seu interstício alguns vetores da modernização industrial.

C Trata-se de um espaço onde coexistiam distintas temporalidades: uma atrelada ao ritmo lento de um passado agrário e, outra, atrelada ao ritmo acelerado que caracteriza a modernidade urbana.

D Trata-se de uma paisagem urbana e uma divisão do trabalho típicas do período colonial, pois a metropolização é um processo desencadeado a partir da segunda metade do século XX.

02| Leia a crônica *O apagar da velha chama*, de Luis Fernando Verissimo.

Eu, você, nós dois, um cantinho, um violão... Da janela, mesmo em Porto Alegre, via-se o Corcovado, o Redentor (que lindo!) e um barquinho a deslizar no macio azul do mar. Tinha-se, geralmente, de vinte anos para menos quando, em 1958, chegou a Elizete com abraços e beijinhos e carinhos sem ter fim e João Gilberto com o amor, o sorriso, a flor e aquela batida diferente, mas que era bossa-nova e era muito natural, mesmo que você não pudesse acompanhar e ficasse numa nota só, porque no peito dos desafinados também batia um coração, lembra? Na vida, uma nova canção, um doce balanço. Era carioca, era carioca, certo, mas a juventude que aquela brisa trazia também trazia pra cá e daqui se via a mesma luz, o mesmo céu, o mesmo mar, milhões de festas ao luar, e sempre se podia pegar um Electra e mandar descer no Beco das Garrafas, olha que coisa mais linda. Queríamos a vida sempre assim, si, dó, ré, mi, fá, sol, muito sol, e lá. Mas era preciso ficar e trabalhar, envelhecer, acabar com esse negócio de Rio, céu tão azul, ilhas do sul, muita calma pra pensar e ter tempo pra sonhar, onde já se viu? Até um dia, até talvez, até quem sabe. O amor, o sorriso e a flor se transformavam depressa demais. Quem no coração abrigou a tristeza de ver tudo isso se



perder, para não falar nos seus vinte anos, nos seus desenganos e no seu violão, nem pode dizer ó brisa fica, porque nem mais se entende, nem mais pretende seguir fingindo e seguir seguindo. A realidade é que sem ela não há paz, não há beleza, é só a melancolia que não sai de mim, não sai de mim, não sai. E dê-lhe rock.

Sobre a crônica, considere as seguintes afirmações.

I. O autor, partindo de sua experiência pessoal, como é próprio da crônica, recupera o momento histórico de uma geração, através da música brasileira.

II. O autor constrói a crônica a partir de diversas letras de músicas, mostrando como elas fazem parte de sua vivência de juventude.

III. A melancolia, ao final da crônica, está ligada ao envelhecimento e à percepção de que aquele momento não volta mais.

Quais estão corretas?

A Apenas I.

B Apenas III.

C Apenas I e II.

D Apenas II e III.

E I, II e III.

03| O que primeiro chama a atenção do crítico na ficção deste escritor é a despreocupação com as modas dominantes e o aparente arcaísmo da técnica. Num momento em que Gustave Flaubert sistematizara a teoria do “romance que narra a si próprio”, apagando o narrador atrás da objetividade da narrativa; num momento em que Émile Zola preconizava o inventário maciço da realidade, observada nos menores detalhes, ele cultivou livremente o elíptico, o incompleto, o fragmentário, intervindo na narrativa com bisbilhotice saborosa. A sua técnica consiste essencialmente em sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida (como os ironistas do século XVIII); ou em estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial; ou em sugerir, sob aparência do contrário, que o ato excepcional é normal, e anormal seria o ato corriqueiro. Aí está o motivo da sua modernidade, apesar do seu arcaísmo de superfície.

(Antonio Candido. *Vários escritos*, 2004. Adaptado.)

O comentário do crítico Antonio Candido refere-se ao escritor

A Machado de Assis.

B José de Alencar.

C Manuel Antônio de Almeida.

D Aluísio Azevedo.

E Euclides da Cunha.

04| Cronologia

1500 –	Cabral encontra os Tupiniquim, da grande família Tupinambá (tronco tupi-guarani) que ocupava quase toda a costa, do Pará ao R.G. do Sul
1502 –	Instalação das primeiras feitorias portuguesas no Brasil (Cabo Frio, Bahia, Pernambuco) para o tráfico do pau-de-tinta e escravos.
1511 –	Em Cabo Frio, a nau “Bretoa” embarca 35 escravos índios para a metrópole. Incursões de corsários franceses interessados em pau-brasil.
1531 –	Expedição de Martim Afonso de Souza e Pero Lopes de Souza de reconhecimento e posse da terra. – Endurecimento dos termos de intercâmbio (escambo) de produtos nativos por manufaturas europeias. – Contingenciamento da mão de obra indígena para todo tipo de trabalho, ainda através do escambo. – Mais embarque de escravos para Portugal.
1534 –	Implantação do regime de donatarias hereditárias. Aumenta a imigração de colonos, atentando contra a mulher indígena, a posse da terra e a liberdade dos índios.
1537 –	Breve papal de Paulo III proclamando os índios “verdadeiros homens e livres”, isto é, criaturas de Deus iguais a todos.
1540 –	Reações dos tupi à conquista: 12 mil índios emigram da Bahia ou Pernambuco; somente 300 chegam a Chachapoya, no Peru. – Sessenta mil Tupinambá fogem da opressão portuguesa, exaurindo-se pelo caminho, até atingir a foz do rio Madeira (1530/1612)
1547 –	Os Carijó, grupo guarani da capitania de S. Vicente, são assaltados por predadores de escravos e vendidos em várias capitanias. Para escapar à escravização, tribos guerreiam mutuamente, arrebanhando escravos para a nascente indústria canavieira.
1549 –	Chega a primeira missão jesuítica, chefiada por Manuel da Nóbrega: oito missionários, entre os quais, José de Anchieta. – Dissolve-se o regime de capitanias. – É estabelecido o governo-geral. – Tomé de Souza, primeiro governador-geral, reimplanta o escambo para obter alimentos e trabalho dos índios, mas não impede de todo a escravidão.

(RIBEIRO, Berta Gleizer. *O índio na história do Brasil*. São Paulo: Global, 1983, p. 119-120)



É correto afirmar sobre o acima transcrito:

A Tratando-se de uma cronologia, é fundada em dados científicos, por isso essa relação de datas e acontecimentos históricos corresponde a dados objetivos, que devem obrigatoriamente figurar em qualquer cronologia de qualquer outro estudioso.

B Constitui texto cujo título determina a necessária direção da leitura – a data deve ser considerada em relação direta com o que está à sua direita; as datas devem ser consideradas da antecedente para a subsequente –, não admitindo focalização alguma de outra ordem.

C Usualmente aposta a textos dissertativos que expõem dados sobre a História de um dado país, é tabela cuja leitura depende da argumentação apresentada neles, motivo pelo qual qualquer consulta desvinculada não merece crédito.

D É quadro composto de linhas e colunas que, separadas por filetes, formam casas em que se acham contidos algarismos e palavras; a subjetividade do autor da cronologia evidencia-se na seleção que faz dos fatos historicamente disponíveis para registro.

E A palavra “cronologia” explicita ao leitor que ele inevitavelmente estará diante da organização de fatos em ordem sequencial; a credibilidade dessa ordenação funda-se na citação das decisões de governantes de estado e suas consequências.

05| O Simbolismo é, antes de tudo, antipositivista, antinaturalista e anticientificista. Com esse movimento, nota-se o despontar de uma poesia nova, que ressuscitava o culto do vago em substituição ao culto da forma e do descritivo.

(Massaud Moisés. *A literatura portuguesa*, 1994. Adaptado.)

Considerando esta breve caracterização, assinale a alternativa em que se verifica o trecho de um poema simbolista.

A “É um velho paredão, todo gretado,
Roto e negro, a que o tempo uma oferenda
Deixou num cacto em flor ensanguentado
E num pouco de musgo em cada fenda.”

B “Erguido em negro mármor luzidio,
Portas fechadas, num mistério enorme,
Numa terra de reis, mudo e sombrio,
Sono de lendas um palácio dorme.”

C “Estranho mimo aquele vaso! Vi-o,
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o mármor luzidio,
Entre um leque e o começo de um bordado.”

D “Sobre um trono de mármore sombrio,
Num templo escuro e ermo e abandonado,
Triste como o silêncio e inda mais frio,
Um ídolo de gesso está sentado.”

E “Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras...”

06| Duas fortes motivações converteram-se em molas de composição desta obra:

A por um lado, o desejo de contar e cantar episódios em torno de uma figura lendária que trazia em si os atributos do *herói*, entendido no senso mais lato possível de um ser entre humano e mítico, que desempenha certos papéis, vai em busca de um bem essencial, arrosta perigos, sofre mudanças extraordinárias, enfim vence ou malogra...;

B por outro lado, o desejo não menos imperioso de pensar o povo brasileiro, *nossa gente*, percorrendo as trilhas cruzadas ou superpostas da sua existência selvagem, colonial e moderna, à procura de uma identidade que, de tão plural que é, beira a surpresa e a indeterminação.

(Alfredo Bosi. *Céu, inferno*, 2003. Adaptado.)

Tal comentário aplica-se à obra

A *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.

B *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.

C *Macunaíma*, de Mário de Andrade.

D *Os sertões*, de Euclides da Cunha.

E *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

07| Uma análise mais atenta do livro mostra que ele foi construído a partir da combinação de uma infinidade de textos preexistentes, elaborados pela tradição oral ou escrita, popular ou erudita, europeia ou brasileira. A originalidade estrutural deriva, deste modo, do fato de o livro não se basear na mímesis, isto é, na dependência constante que a arte estabelece entre o mundo objetivo e a ficção; mas em ligar-se quase sempre a outros mundos imaginários, a sistemas fechados de sinais, já regidos por significação autônoma. Esse processo, parasitário na aparência, é no entanto curiosamente inventivo; pois, em vez de recortar com neutralidade nos entrechos originais as partes de que necessita para reagrupá-las, intactas, numa ordem nova, atua quase sempre sobre cada fragmento, alterando-o em profundidade.

(Gilda de Mello e Souza. *O tupi e o alaúde*, 1979. Adaptado.)

Tal comentário aplica-se ao livro

A *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós.

B *Macunaíma*, de Mário de Andrade.

C *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.

D *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

E *Iracema*, de José de Alencar.

08| Em sua versão benigna, a valorização da malandragem corresponde ao elogio da criatividade adaptativa e da predominância da especificidade das circunstâncias e das relações pessoais sobre a frieza reducionista e generalizante da lei. Em sua versão maximalista e maligna, porém, a valorização da malandragem equivale à negação dos princípios elementares de justiça, como a igualdade perante a lei, e ao descrédito das instituições democráticas.

(Adaptado de Luiz Eduardo Soares, Uma interpretação do Brasil para contextualizar a violência, em C. A. Messeder Pereira, *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 23-46.)

Considerando as posições expressas no texto em relação à valorização da malandragem, é correto afirmar que:

A O verbo "equivale" relaciona a valorização da malandragem à negação da justiça, da igualdade perante a lei e das instituições democráticas.

B Entre os pares de termos "benigna/maligna" e "maximalista/reducionista" estabelece-se no texto uma relação semântica de equivalência.

C O elogio da malandragem reside na valorização da criatividade adaptativa e da sensibilidade em contraposição à fria aplicação da lei.

D O articulador discursivo "porém" introduz um argumento que se contrapõe à proposta de valorização da malandragem.

09|

Puros

(Cidadão Quem)

Talvez não passe pela sua cabeça
Tudo que um dia passou
Coisas que achamos fortes, indispensáveis
O tempo veio e levou
Do que chamamos nossas prioridades
Escolho o que posso levar
Às vezes tento enxergar mais distante
Luto pra não me cegar

Somos tão cegos
Não vejo você
Somos tão surdos
Nós não escutamos você
Somos tão burros
Não penso em você
Nós somos puros
Demais pra entender
Talvez nem tudo

Seja assim importante
E na loucura eu vou
Fico surpreso ao ver
Que tudo é mutante
Este lugar onde estou
Do que chamamos nossas prioridades
Escolho o que posso levar
Às vezes tento enxergar mais distante
Luto pra não me cegar

Somos tão cegos
Não vejo você
Somos tão surdos
Nós não escutamos você
Somos tão burros
Não penso em você
Nós somos puros
Demais pra entender



Sobre a letra da música, são lançadas as seguintes afirmações:

I. Nessa letra, a vida é feito uma enxurrada, um vendaval, algo que leva de roldão.

II. De acordo com o autor, há uma alavanca que impulsiona a enfrentar tudo: o amor.

III. Segundo o autor, podemos selecionar o que é importante ou o que se torna prioridade em nossa vida.

Está(ão) correta(s) (a)s afirmativa(s)

A I, II e III.

B II e III apenas.

C I e III apenas.

D II apenas.

10| Leia abaixo a letra da canção *Mamãe Coragem* – composição de Caetano Veloso e Torquato Neto, interpretação de Gal Costa – que integra o álbum *Tropicália ou Panis et Circencis*.

Mamãe, mamãe, não chore
A vida é assim mesmo
Eu fui embora
Mamãe, mamãe, não chore
Eu nunca mais vou voltar por aí
Mamãe, mamãe, não chore
A vida é assim mesmo
Eu quero mesmo é isto aqui
Mamãe, mamãe, não chore
Pegue uns panos pra lavar
Leia um romance
Veja as contas do mercado
Pague as prestações
Ser mãe
É desdobrar fibra por fibra
Os corações dos filhos
Seja feliz
Seja feliz

Mamãe, mamãe, não chore
Eu quero, eu posso, eu quis, eu fiz
Mamãe, seja feliz
Mamãe, mamãe, não chore
Não chore nunca mais, não adianta
Eu tenho um beijo preso na garganta
Eu tenho um jeito de quem não se espanta
(Braço de ouro vale 10 milhões)
Eu tenho corações fora do peito
Mamãe, não chore
Não tem jeito
Pegue uns panos pra lavar
Leia um romance
Leia "Alzira morta virgem"
"O grande industrial"

Eu por aqui vou indo muito bem
De vez em quando brinco Carnaval
E vou vivendo assim: felicidade
Na cidade que eu plantei pra mim
E que não tem mais fim
Não tem mais fim
Não tem mais fim

Considere as seguintes afirmações sobre a canção.

I. A inversão apresentada na canção – é o/a filho/a jovem que consola a mãe e não o contrário – manifesta-se nas expressões comumente relacionadas ao vocabulário materno como "A vida é assim mesmo" e "Não chore nunca mais, não adianta".

II. A sirene ouvida na abertura da canção é uma provável referência às fábricas da cidade, para onde o sujeito cancional se desloca em busca de oportunidades que superem o trabalho doméstico, a rotina e os passatempos provincianos.

III. O uso de "beijo" em vez de "grito", no verso "Eu tenho um beijo preso na garganta", expõe a ternura, apesar da rebeldia, que caracteriza o sujeito cancional.

Quais estão corretas?

A Apenas I.

B Apenas II.

C Apenas III.

D Apenas I e II.

E I, II e III.

11| João Cabral de Melo Neto, autor pernambucano, celebrizou-se com um Auto de Natal, que trata de uma das questões mais sérias da sociedade brasileira, a qual está bem representada na charge abaixo. Relacione a imagem com o fragmento do texto de *Morte e Vida Severina*.



– Essa cova em que estás,
com palmos medida,
é a cota menor
que tiraste em vida.

– É de bom tamanho,
nem largo nem fundo,
é a parte que te cabe
neste latifúndio.

– Não é cova grande.
é cova medida,
é a terra que querias
ver dividida.

– É uma cova grande
para teu pouco defunto,
mas estarás mais ancho
que estavas no mundo.

– É uma cova grande
para teu defunto parco,
porém mais que no mundo
te sentirás largo.

– É uma cova grande
para tua carne pouca,
mas a terra dada
não se abre a boca.

João Cabral de Melo Neto

Analise as afirmativas a seguir e coloque V nas Verdadeiras e F nas Falsas.

( ) O poema não tem nenhuma relação com a charge, pois não se pode relacionar dois tipos de linguagem completamente diferentes: verbal e visual. Além disso, na charge, a mensagem imagética e linguística apresenta uma crítica ferrenha à desigualdade social, enquanto o poema nega o valor da Reforma Agrária, uma vez que defende o monopólio da terra.

( ) O poema de João Cabral de Melo Neto desenvolve a temática da desigualdade social à semelhança da charge, que também aborda a mesma questão. Ambos tomam como ponto de partida a posse da terra. Há, entre as duas mensagens, uma única preocupação que é a aquisição de bens materiais.

( ) A charge apresenta, tanto quanto o fragmento do texto de João Cabral, uma crítica à condição do lavrador, que, durante toda vida, trabalha a terra, mas só tem direito a ela quando morre. Na imagem, o lavrador vivo traz a placa SEM TERRA, enquanto no poema, tal qual na charge, só adquire o direito à terra após a morte, que representa "a terra que queria ver dividida."

( ) Diferentemente do texto escrito, a imagem revela um novo tipo de transmissão de mensagem em que se encontra eliminada a linguagem verbal, ocorrendo exclusivamente um discurso imagético. Nele o homem e a terra se confundem por ocasião da morte, que iguala todos os seres humanos, e isso fica explícito na antítese sem terra/com terra.

( ) As duas mensagens tematizam a questão da posse da terra, apresentando um discurso crítico, que enfatiza o fato de o lavrador não ter direito à terra, razão pela qual é designado como "sem terra". Essa expressão atualmente identifica os participantes do movimento social, que lutam pelo reconhecimento do camponês que continua sem obter o tão desejado torrão.

Assinale a alternativa que contém a sequência **CORRETA.**

A F – F – V – F – V

B F – F – F – F – V

C V – V – V – V – V

D F – F – F – V – V

E V – V – V – F – F

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Atenção: A(s) quest(ões) a seguir remetem ao parágrafo abaixo, em seu contexto.

Se o relógio da História marca tempos sinistros, o tempo construído pela arte abre-se para a poesia: o tempo do sonho e da fantasia arrebatou multidões no filme *O mágico de Oz* estrelado por Judy Garland e eternizado pelo tema da canção *Além do arco-íris*. Aliás, a arte da música é, sempre, uma habitação especial do tempo: as notas combinam-se, ritmam e produzem melodias, adensando as horas com seu envolvimento.

12| Compreende-se adequadamente do parágrafo transcrito, em seu contexto:

A filmes que arrebatam multidões devem seu sucesso aos temas musicais.

B o sucesso de *O mágico de Oz* deve ser atribuído à atriz *Judy Garland*, que entoou de modo especial a canção *Além do arco-íris.*

C a arte musical habita filmes famosos, por isso, torna-se densa e envolvente.

D o arranjo harmonioso de sons enriquece o conteúdo das horas.

E notas aleatoriamente agrupadas alteram a natureza do tempo, sempre de modo positivo.



13| *Se o relógio da História marca tempos sinistros, o tempo construído pela arte abre-se para a poesia.*

Comenta-se corretamente sobre o que o segmento acima expressa, em seu contexto:

A O que se afirma na segunda oração será verdadeiro sempre que certas condições forem cumpridas.

B Os dois fatos mencionados nas orações são tidos, ambos, como possibilidades, mas difíceis de se cumprirem.

C A primeira oração contém a hipótese que legitimaria o que se afirma na segunda, ainda que o conteúdo desta seja considerado altamente improvável.

D A substituição do *Se* por "Caso" não exigiria nenhuma alteração na frase e manteria fidelidade ao sentido original.

E O segmento exibe paralelismo entre fatos cuja ocorrência não é posta em dúvida.

GABARITO

01| C

No poema "Pobre alimária", integrante da obra "Pau-Brasil", Oswald de Andrade reproduz poeticamente a imagem de uma cidade a meio caminho do progresso, mas ainda com características de vila pacata e burguesa. Trata-se de uma cidade que em pouco tempo irá tornar-se a maior do Brasil e adaptar-se a uma nova mobilidade no espaço urbano, mas onde ainda permanecem as estruturas do período colonial. Isso fica mais claro, quando se vê na fotografia que acompanha o poema, a presença de parelhas de bois e carroças em meio à agitação de pessoas. Assim, é correta a opção [C].

02| E

Todas as proposições estão corretas. Luis Fernando Verissimo, em sua crônica, utiliza trechos de várias canções da bossa-nova para caracterizar o espírito de sua geração, que, melancolicamente, vai cedendo espaço para os mais jovens (a geração do rock).

03| A

As referências de Antônio Cândido a um escritor que demonstra "despreocupação com as modas dominantes" e que "cultivou livremente o elíptico, intervindo na narrativa com bisbilhotice saborosa" apontam para Machado de Assis que, ao mesmo tempo em que adota estilo refinado em português vernáculo, antecipa a modernidade pelo uso de recursos acima citados Assim, é correta a opção [A].

04| D

As opções [A], [B], [C] e [E] são incorretas, pois

[A] não necessariamente a relação de datas e acontecimentos históricos devam estar presentes em outros estudos de cunho científico;

[B] embora a data deva ser considerada em relação direta com o que está à direita e todas consideradas da antecedente para a subsequente, a leitura do quadro pode ser realizada sob os mais diversos critérios, dependendo apenas do objetivo do leitor ao recolher determinada informação;

[C] a tabela cronológica é sempre fundamentada em dados científicos, por isso a sua credibilidade independe da argumentação do texto dissertativo a que está aposta;

[E] a credibilidade da ordenação da tabela cronológica não depende de decisões de governantes e suas consequências, mas sim da veracidade da ocorrência dos fatos enumerados.

Assim, é correta a opção [D].

05| E

A linguagem simbolista caracteriza-se pela sugestão, musicalidade, uso de sinestesias, metáforas, preferência por vocabulário litúrgico, valorização de temas ligados aos mistérios da morte e dos sonhos e, no caso de Cruz e Sousa, autor do excerto apresentado em [E], a preferência pela cor branca, simbolizando pureza e espiritualidade. Embora use linguagem hermética, deduz-se que o eu lírico invoca as formas para que fecundem o mistério dos seus versos, ou seja, dirige-se a forças indefinidas, diáfanas e transcendentes para pedir-lhes inspiração para seus versos.

06| C

A referência ao "herói" como um ser entre humano e mítico que vai em busca de um bem essencial e ao seu desejo de representar a "nossa gente" permitem deduzir que se trata de Macunaíma, o herói sem caráter, protagonista da obra homônima de Mario de Andrade. Assim, é correta a opção [C].

07| B

As referências a uma obra elaborada com base em textos preexistentes, transmitidos por via oral ou escrita, em linguagem popular e erudita e que mescla o mundo objetivo com a ficção apontam para a obra *Macunaíma* de Mário de Andrade, mencionada na opção [B]. Trata-se de uma narrativa que o autor classificou de rapsódia por reunir lendas, folclores, crendices, costumes e provérbios, em linguagem popular e erudita a fim de representar a miscigenação cultural da sociedade brasileira.

08| D

É correta a opção [D], pois a conjunção coordenativa adversativa "porém" estabelece oposição à proposta de valorização da malandragem.

09| C

[II] Incorreta: em nenhum momento na música o eu lírico toca no assunto amor.

10| E

A canção *Mamãe Coragem*, composta por Caetano Veloso e Torquato Neto durante a Tropicália, tem como sujeito cancional um(a) jovem que afirma sua necessidade de liberdade e de conduzir sua vida com autonomia.

As sirenes de fábricas sinalizam o modo de vida urbano, que atrai os jovens, em sua ânsia de conhecer o mundo.

O verso "Eu tenho um beijo preso na garganta" reflete o misto de rebeldia juvenil ("preso na garganta") com a ternura filial ("beijo" em vez de "grito"). Essa ternura também se reflete nos conselhos dados à mãe, similares àqueles recebidos comumente pelos filhos: "A vida é assim mesmo" e "Não chore".

11| A

I. Falso. Neste contexto, linguagem verbal e visual dialogam: ambos apontam para a crítica à desigualdade social e ao latifúndio.

II. Falso. Não há, nos textos apresentados, qualquer afirmação relativa à preocupação com aquisição de bens materiais: contrariamente, ambos mencionam vidas desprovidas de bens materiais e reforçam que a única posse de terra de que esses indivíduos dispõem se dá após a morte.

III. Verdadeiro. Ambos textos apresentam a figura do lavrador, desprovido de posses. Essa informação pode ser justificada por meio da placa em que se lê "Sem Terra" na figura, e os versos "É uma cova grande / para teu pouco defunto, / mas estarás mais ancho / que estavas no mundo" no poema.

IV. Falso. A charge apresenta linguagem mista, uma vez que há elementos imagéticos acompanhados de verbais ("Sem Terra" e "Com Terra"). A oposição se dá pela condição em que os lavradores vivem e a posse que adquirem ao morrer.

V. Verdadeiro. A charge e o poema permanecem como problemas sociais, a exemplificar com o Movimento dos Sem Terra, a organização dos trabalhadores rurais que lutam pela Reforma Agrária no país.

12| D

É correta a opção [D], pois, segundo o excerto, a arte permite que o sonho e a fantasia ultrapassem os limites do tempo cronológico e, dessa forma, venham a enriquecer a existência do ser humano.

13| E

O segmento do enunciado apresenta estrutura paralelística, na intenção de estabelecer uma comparação entre conceitos de Tempo: cronológico, aludindo a aspectos negativos da História da Humanidade, e subjetivos, referindo-se às características inerentes à obra artística. Assim, é correta a opção [E].

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

08

01| Leia o poema "Mar Português", de Fernando Pessoa.

MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

(Disponível em http://www.jornaldepoesia.jor.br/fpesso03.html.)

No poema, a apóstrofe, uma figura de linguagem, indica que o enunciador

A convoca o mar a refletir sobre a história das navegações portuguesas.

B apresenta o mar como responsável pelo sofrimento do povo português.

C revela ao mar sua crítica às ações portuguesas no período das navegações.

D projeta no mar sua tristeza com as consequências das conquistas de Portugal.

02| Observe o poema de Mário Quintana

Tic-tac

Esse tic-tac dos relógios
é a máquina de costura do Tempo
a fabricar mortalhas.

As figuras de linguagem presentes no texto são, respectivamente,

A onomatopeia, metáfora e eufemismo.

B metáfora, metáfora e metonímia.

C sinestesia, metonímia e hipérbole.

D ironia, metonímia, catacrese.

03| Assinale a alternativa que apresenta a **correta** relação entre a frase e a figura de linguagem.

A Finalmente passou dessa para uma melhor. (Metonímia)

B Já estou farto de ter que implorar um milhão de vezes por isso! (Eufemismo)

C Minha alma é como um buraco negro profundo e insondável. (Metáfora)

D Chegou à sala com um perfume doce, falando com voz macia. (Sinestesia)

E Ele bebeu mais de três copos e não poderá dirigir! (Hipérbole)

04| Analise a imagem a seguir e identifique a figura de linguagem em evidência no título da manchete.



O GLOBO

RIO DE JANEIRO, TERÇA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 2007 • ANO LXXXIII • Nº 26.979

IMPUNIDADE O BRASIL VIVE O CRIME SEM CASTIGO

Crimes crescem, mas Rio investiga cada vez menos

Número de processos cai em 38 das 88 varas criminais do estado

CHICO — BRASIL 2007: ONDE CHEGAMOS

■ Apesar dos crescentes índices de violência no estado, o número de processos caiu em 38 das 88 varas criminais fluminenses, segundo levantamento do Tribunal de Justiça do Rio entre 2005 e 2006. Caso esse ritmo continue, algumas varas correm o risco de fechar nos próximos anos, por falta de réus a serem julgados. A aparente contradição tem uma explicação, segundo o desembargador Geraldo Prado, ex-titular da 37ª Vara Criminal: a incapacidade da polícia de investigar e concluir inquéritos com qualidade suficiente para serem transformados em processos. Com a investigação deficiente, as varas criminais no estado dependem cada vez mais das prisões em flagrante delito. Para enfrentar o problema, a Procuradoria de Justiça do Estado, em convênio com o Tribunal de Justiça, criou em maio uma força-tarefa para acelerar a investigação em 8.200 inquéritos que estão parados. **Página 3 e editorial "Solução à vista"**

Disponível em: <http://desconversa.com.br/portugues/lista-conjuncoes>. Acesso em: 24.09.2015.

A) Metáfora.

B) Hipérbole.

C) Hipérbato.

D) Metonímia.

E) Pleonasmo.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A EDUCAÇÃO PELA SEDA

Vestidos muito justos são vulgares. Revelar formas é vulgar. Toda revelação é de uma vulgaridade de abominável.

Os conceitos a vestiram como uma segunda pele, e pode-se adivinhar a norma que lhe rege a vida ao primeiro olhar.

Rosa Amanda Strausz
Mínimo múltiplo comum: contos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

05| **Os conceitos a vestiram como uma segunda pele,**

O vocábulo **a** é comumente utilizado para substituir termos já enunciados. No texto, entretanto, ele tem um uso incomum, já que permite subentender um termo não enunciado.

Esse uso indica um recurso assim denominado:

A) elipse

B) catáfora

C) designação

D) modalização

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

As questões a seguir tomam por base a crônica de Luís Fernando Veríssimo.

A invasão

A divisão ciência/humanismo se reflete na maneira como as pessoas, hoje, encaram o computador. Resiste-se ao computador, e a toda a cultura cibernética, como uma forma de ser fiel ao livro e à palavra impressa. Mas o computador não eliminará o papel. Ao contrário do que se pensava há alguns anos, o computador não salvará as florestas. Aumentou o uso do papel em todo o mundo, e não apenas porque a cada novidade eletrônica lançada no mercado corresponde um manual de instrução, sem falar numa embalagem de papelão e num embrulho para presente. O computador estimula as pessoas a escreverem e imprimirem o que escrevem. Como hoje qualquer um pode ser seu próprio editor, paginador e ilustrador sem largar o mouse, a tentação de passar sua obra para o papel é quase irresistível.

Desconfio que o que salvará o livro será o supérfluo, o que não tem nada a ver com conteúdo ou conveniência. Até que lancem computadores com cheiro sintetizado, nada substituirá o cheiro de papel e tinta nas suas duas categorias inimitáveis, livro novo e livro velho. E nenhuma coleção de gravações ornamentará uma sala com o calor e a dignidade de uma estante de livros. A tudo que falta ao admirável mundo da informática, da cibernética, do virtual e do instantâneo acrescente-se isso: falta lombada. No fim, o livro deverá sua sobrevida à decoração de interiores.

(*O Estado de S. Paulo*, 31.05.2015.)

06| Em "falta lombada" (2º parágrafo), o cronista se utiliza, estilisticamente, de uma figura de linguagem que

A) representa uma imagem exagerada do que se quer exprimir.

B) se baseia numa analogia ou semelhança.

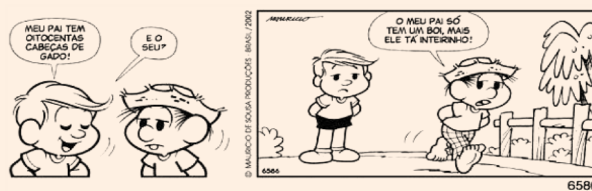
C) emprega a palavra que indica a parte pelo todo.

D) emprega a palavra que indica o todo pela parte.

E) se baseia na simultaneidade de impressões sensoriais.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Responda à(s) questão(ões) com base na tirinha abaixo.



6586
Copyright © 2002 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.
Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/discovirtual/galerias/imagem/0000000447/0000003347.jpg>. Acesso em: 22 set. 2015.

07| O humor da tirinha foi conferido, sobretudo, pela não compreensão por parte da personagem Chico Bento da figura de linguagem utilizada por seu interlocutor. A essa referida figura de linguagem dá-se o nome de

A) anáfora.

B) metonímia.

C) perífrase.

D) hipérbole.

E) aliteração.



TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o soneto do poeta Luís Vaz de Camões (1525?-1580) para responder à(s) questão(ões).

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
mas não servia ao pai, servia a ela,
e a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
passava, contentando-se com vê-la;
porém o pai, usando de cautela,
em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
lhe fora assi negada a sua pastora,
como se a não tivera merecida,

começa de servir outros sete anos,
dizendo: "Mais servira, se não fora
para tão longo amor tão curta a vida".

(Luís Vaz de Camões. *Sonetos*, 2001.)

08| Uma das principais figuras exploradas por Camões em sua poesia é a antítese. Neste soneto, tal figura ocorre no verso:

A "mas não servia ao pai, servia a ela,"

B "passava, contentando-se com vê-la;"

C "para tão longo amor tão curta a vida."

D "porém o pai, usando de cautela,"

E "lhe fora assi negada a sua pastora,"

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir focalizam uma passagem da comédia *O juiz de paz da roça* do escritor Martins Pena (1815-1848).

JUIZ (*assentando-se*): Sr. Escrivão, leia o outro requerimento.

ESCRIVÃO (*lendo*): Diz Francisco Antônio, natural de Portugal, porém brasileiro, que tendo ele casado com Rosa de Jesus, trouxe esta por dote uma égua. "Ora, acontecendo ter a égua de minha mulher um filho, o meu vizinho José da Silva diz que é dele, só porque o dito filho da égua de minha mulher saiu malhado como o seu cavalo. Ora, como os filhos pertencem às mães, e a prova disto é que a minha escrava Maria tem um filho que é meu, peço a V. Sa. mande o dito meu vizinho entregar-me o filho da égua que é de minha mulher".

JUIZ: É verdade que o senhor tem o filho da égua preso?

JOSÉ DA SILVA: É verdade; porém o filho me pertence, pois é meu, que é do cavalo.

JUIZ: Terá a bondade de entregar o filho a seu dono, pois é aqui da mulher do senhor.

JOSÉ DA SILVA: Mas, Sr. Juiz...

JUIZ: Nem mais nem meios mais; entregue o filho, senão, cadeia.

(Martins Pena. *Comédias (1833-1844)*, 2007.)

09| O efeito cômico produzido pela leitura do requerimento decorre, principalmente, do seguinte fenômeno ou procedimento linguístico:

A paródia.

B intertextualidade.

C ambiguidade.

D paráfrase.

E sinonímia.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Para responder à(s) questão(ões) à seguir, considere o texto abaixo.

Minha vida

Minha vida
não é tempo que corre
do meu natal
à minha morte

Minha vida é o meu dia de natal
— Dia da minha morte

In: COOPER, Jorge. *Poesia Completa*. Maceió: Cepal, 2010, p. 41.

10| No poema, aparecem os vocábulos "vida" e "morte", que, sendo antônimos, contribuem para o desfecho paradoxal expresso nos dois últimos versos. Quanto às relações semânticas dos pares de palavras abaixo, qual das alternativas apresenta um erro?

A extroversão / introversão – antonímia

B experto / esperto – homonímia

C ratificar / retificar – paronímia

D pelo (contração prepositiva) / pelo (substantivo) – homonímia

E concerto / ajuste – sinonímia

GABARITO

01| A

O segmento "Ó mar salgado" presente no primeiro verso da primeira estrofe constitui uma apóstrofe, figura em que o orador se dirige ao interlocutor de forma enfática para questioná-lo sobre a história das navegações portuguesas, como se afirma em [A].

02| A

O "tic-tac" reproduz o som do relógio. É, portanto, uma onomatopeia.

Como os relógios estão marcando constantemente a passagem do tempo com as horas, pode-se fazer uma associação disso com uma máquina de costura, que faz tecidos. O relógio, apesar de não fazer tecidos, parece fazer o tempo. Assim, cria-se uma metáfora: o tic-tac dos relógios é a máquina de costura do Tempo".

Mortalha é o nome dado à roupa dos cadáveres. Como o poema fala da passagem do tempo, ao afirmar que o tic-tac está a fabricar mortalhas, intui-se que com a passagem do tempo, as pessoas vão morrendo. Assim, o poeta faz uso de um eufemismo: ao invés de dizer que as pessoas morrem com a passagem do tempo, ele diz que a passagem do tempo "fabrica mortalhas", atenuando a intensidade do seu discurso.

03| D

Na alternativa [D], vemos uma mistura dos sentidos/sensações. Em "perfume doce" vemos a fusão do olfato ("perfume") com o paladar ("doce") e em "falando com voz macia" vemos a fusão da fala ("falando com voz") com o tato ("macia"). Assim, observa-se o uso da sinestesia.

04| D

Na manchete, usa-se o local ("Rio" abreviação de Rio de Janeiro) para tratar do agente. Ou seja, não é o Rio de Janeiro quem investiga, mas profissionais do Estado do Rio de Janeiro. Esse empréstimo de um termo (localidade) para tratar do sentido de um outro é característico da figura de linguagem metonímia.

05| A

É possível inferir que a narrativa trata da questão do preconceito social que condena a mulher por infringir normas arraigadas em uma sociedade machista. Assim, é correta a opção [A], pois, na frase "Os conceitos a vestiram como uma segunda pele", o termo "a" é associado, por elipse, a essa mesma mulher.

06| C

Ao utilizar a palavra "lombada" em vez de "livro", o cronista recorre à metonímia ou sinédoque: substituição lógica de uma palavra por outra semelhante, mantendo uma relação de proximidade entre o sentido de um termo e o sentido do termo que o substituiu.

07| B

Metonímia é uma figura de linguagem que consiste em representar o todo pela parte. Dessa forma, ao dizer que o pai possui "oitocentas cabeças de gado", o garoto não está sendo literal, mas está utilizando uma metonímia em que as cabeças representam o todo, que é o gado. Chico Bento entende no sentido literal, como se o garoto estivesse falando de cabeças, e não da sua representação metonímica.

08| C

O soneto "Sete anos de pastor Jacob servia" alicerça-se numa construção linear em que os quartetos expõem a narrativa, o primeiro terceto funciona como núcleo e o segundo, como remate. As palavras finais do soneto, em que se configura a antítese longo × curta, são pronunciadas pela própria personagem em estilo direto, manifestam o ânimo firme de Jacob, que exprime que estaria disposto a servir Labão ainda mais tempo para conseguir Raquel. Assim, é correta a opção [C].

09| C

Trata-se de ambiguidade ou anfibologia, que ocorre quando há duplicidade de sentido da frase. O termo "égua" pode ser entendido como atributo negativo da mulher ou como designação do animal. Assim, é correta a opção [C].

10| E

A palavra "concerto" tem o significado de um conjunto de instrumentistas que realizam uma apresentação musical. Já "conserto" seria o substantivo equivalente ao verbo "consertar", com o mesmo sentido de "ajuste", de arrumar algo. Não há sinonímia entre "concerto" e "ajuste", mas sim entre "conserto" e "ajuste".